

SANDRILENE BORGES DO NASCIMENTO

**POSSIBILIDADES DO USO DE HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA:
representatividade feminina nas tirinhas de Pagu**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Setembro / 2022



SANDRILENE BORGES DO NASCIMENTO

**POSSIBILIDADES DO USO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO
ENSINO DE HISTÓRIA:** representatividade feminina nas tirinhas de Pagu

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, como requisito final para obtenção do título de Mestra em Ensino de História. (Área de concentração: Ensino de História).

Orientador: Prof. Dr. Danilo Alves Bezerra

**Parnaíba
2022**

SANDRILENE BORGES DO NASCIMENTO

**POSSIBILIDADES DO USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO
ENSINO DE HISTÓRIA:** representatividade feminina nas tirinhas de Pagu

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, como requisito final para obtenção do título de Mestra em Ensino de História. (Área de concentração: Ensino de História).

Orientador: Prof. Dr. Danilo Alves Bezerra

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: Prof. Dr. Danilo Alves Bezerra – UESPI (orientador)

MEMBROS: Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton – UESPI (membro interno)

Profa. Dra. Júlia Constança Pereira Camêlo – UFMA (membro externo)

N244p Nascimento, Sandrilene Borges do.
Possibilidades do uso de histórias em quadrinhos no ensino de história: representatividade feminina nas tirinhas de Pagu / Sandrilene Borges do Nascimento. – 2022.
106 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, Campus Alexandre Alves Oliveira, Parnaíba-PI, 2022.
"Área de Concentração: Ensino de História."
"Orientador Prof. Dr. Danilo Alves Bezerra."

1. Histórias em Quadrinhos. 2. Ensino de História. 3. Gênero.
4. Pagu. I. Título.

CDD: 907

Dedico este trabalho a todas as mulheres, especialmente à Pagu, que com suas lutas diferentes, no aparente silêncio ou no estrondo, lutaram e lutam contra as condições de inferioridade impostas às mulheres ao longo do tempo. O caminho ainda é longo, mas não tem mais volta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

As minhas mães Assunção e Regina, que com suas decisões ao longo de suas vidas me possibilitaram chegar até aqui. Eu nada seria se não fosse pelo amor incondicional delas.

Ao meu avô e pai Zé que partiu tão cedo, quando eu tinha pouco mais de um ano de idade, levando o colo do qual até hoje sinto uma saudade inexplicável.

A minha amada irmã Juliana, pela parceria de sempre.

Ao meu companheiro Johnson, que esteve ao meu lado em cada etapa de construção deste trabalho, vivendo intensamente junto comigo e sendo, acima de tudo, o meu suporte.

Aos meus amigos e amigas que me apoiaram, motivaram e torceram muito para que eu conseguisse concluir esta etapa da vida acadêmica.

Ao meu orientador, professor Danilo Bezerra, com o qual atualizei minhas definições do que é ser mestre. Guiou-me com firmeza e leveza por caminhos que ele, com sua perícia, prontidão e paciência (leia-se muita paciência) ajudou-me a escolher e construir.

Às professoras e aos professores do ProfHistória/Campus Parnaíba, por cada ensinamento e por terem proporcionado tantos momentos de reflexões interessantíssimos sobre o nosso lugar no Ensino de História.

Agradeço à banca de qualificação também composta pela professora Júlia Camêlo e pelo professor Fernando Bagiotto, por tantas observações e indicações valorosas e por acreditarem na contribuição da minha proposta.

A todos da primeira turma de mestrado do ProfHistória/Campus Parnaíba, pelos momentos descontraídos e de muito aprendizado, pelo compartilhar de experiências enriquecedoras sobre o ensino e a aprendizagem de História, especialmente à Luciane, Roziane, Júnior e Anandrey, pela motivação e gargalhadas extras.

Aos meus companheiros e companheiras de profissão, especialmente às queridas Marisa e Ivanete, da Escola Dr. João Silva, e aos estimados André, Socorro e Denilma, do Centro de Ensino Alfredo Duailibe, pelo apoio, incentivo e compreensão nesses últimos meses.

E, por fim, e não menos importante, agradeço as minhas alunas e meus alunos desses quase 15 anos de docência na Educação Básica. A experiência desse diálogo com cada um de vocês foi e é fundamental para eu ser a professora que hoje sou, ou melhor dizendo, a pessoa que eu me tornei.

*"Esse crime, o crime sagrado de ser
divergente, nós o cometeremos sempre".*

Pagú

RESUMO

O presente trabalho é uma proposta de intervenção pedagógica no ensino de História, que busca auxiliar o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem mais dinâmico e significativo a partir da utilização de histórias em quadrinhos (HQs). Dentro da perspectiva de gênero e do feminismo, e partindo da análise das tiras produzidas por Pagu, publicadas no jornal O Homem do Povo (1931), foi elaborada uma sequência didática, voltada ao 9º ano do Ensino Fundamental, com atividades articuladas que visam possibilitar uma experiência de aula menos circunscrita à lógica conteudista e curricular, e mais voltada à discussão e constituição de um aprendizado mais autônomo e interativo. De modo a construir efetivamente essa proposta, buscou-se um diálogo com alguns teóricos e pesquisadores, percorrendo o seguinte itinerário: o conceito de consciência histórica, a partir da perspectiva teórica de Rüsen (2001) e dos trabalhos de Cerri (2006, 2011); estudo de gênero com Joan Scott; no auxílio ao estudo das HQs e sua aplicabilidade nas aulas de história, recorreu-se, em especial, às contribuições de Waldomiro Vergueiro e Elísio dos Santos (2015), Paulos Ramos e de Túlio Vilela (2012; 2020); e sobre sequências didáticas, Antoni Zabala (2014) foi a principal referência. Espera-se assim que esta pesquisa colabore para uma práxis educativa em que os discentes tenham um espaço de reflexão, de escuta das suas experiências e que consigam se posicionar como protagonistas da sua história, compreendendo que essa apropriação é fundamental para romper com a cultura do patriarcado e indispensável à consolidação de uma sociedade igualitária e mais justa.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Ensino de História; Gênero; Pagu.

ABSTRACT

The present work is a proposal for a pedagogical intervention in the teaching of History, which seeks to help the development of a more dynamic and meaningful teaching-learning through the use of comics. Within the perspective of gender and feminism, and based on the analysis of the strips produced by Pagu, published in the newspaper O Homem do Povo [the man of the people] (1931), a didactic sequence was prepared, aimed at the 9th grade of Elementary School, with articulated activities that aim to enable a class experience less limited to the content and curriculum logic, and more focused on the discussion and constitution of a more autonomous and interactive learning. In order to effectively build this proposal, a dialogue was sought with some theorists and researchers along the following itinerary: the concept of historical consciousness from the theoretical perspective of Rüsen (2001) and the works of Cerri (2006, 2011); gender study with Joan Scott; in aiding the study of comics and their applicability in history classes, we resorted, in particular, to the contributions of Waldomiro Vergueiro and Elísio dos Santos (2015), Paulo Ramos and Túlio Vilela (2012; 2020); and on didactic sequences, Antoni Zabala (2014) was the main reference. It is hoped that this research will contribute to an educational praxis in which students have a space for reflection, listening to their experiences and that they can see themselves as protagonists of their history, understanding that this appropriation is fundamental to break with the culture of patriarchy is essential for the consolidation of a egalitarian and fairer society.

Keywords: Comics; History Teaching; Genre; Pagu.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – Os quadrinhos feministas de Pagu: contribuições para o ensino de História	15
1 - O homem e a mulher do povo: conjuntura histórica.....	15
2 - Pagu e o pioneirismo das histórias em quadrinhos feministas.....	19
3 - As HQs na sala de aula e os quadrinhos de Pagu no ensino de História	27
CAPÍTULO 2 - As Histórias em Quadrinhos: história, tipos e elementos principais	36
1 - Da rejeição à utilização em sala de aula.....	36
2 - HQs como hipergênero	40
3 - HQs: uma “alfabetização” necessária	43
4 - Os quadrinhos nas pesquisas do ProfHistória.....	49
CAPÍTULO 3 - As sequências didáticas no Ensino de História e o uso das HQs.....	55
1 - A sequência didática: definição, estruturação e organização.....	55
2 - Entre a história, os quadrinhos e a Pagu: construindo uma sequência didática	59
2.1 A sequência didática	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
ANEXO A - Fotos	95
ANEXO B - Sites de entrevistas e matérias sobre a Pagu.....	99
ANEXO C - Vídeos	99
ANEXO D – Os quadrinhos de Pagu nas edições do jornal O homem do Povo.....	100

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado *Possibilidades do uso de histórias em quadrinhos no ensino de História: representatividade feminina nas tirinhas de Pagu* é voltado para o desenvolvimento de ações pedagógicas que possibilitem atualizações do processo de ensino-aprendizagem de alunas e alunos de turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, com a utilização dos quadrinhos e o estudo de gênero nas aulas de história. Para isso, parti da análise das tirinhas produzidas por Pagu, em 1931, como fonte histórica e recurso didático para compreender a visão de Pagu acerca do Movimento Feminista no Brasil que se desenhava na época.

As Histórias em Quadrinhos desde muito cedo fizeram parte do meu universo, das leituras e das atividades escolares. Duas situações, em específico, marcaram meu imaginário escolar pueril. A primeira foi ainda nas séries iniciais, quando uma professora emprestava revistas em quadrinhos da Turma da Mônica para levarmos para casa toda sexta-feira. E na semana seguinte, logo na segunda-feira, deveria acontecer a devolutiva e um novo empréstimo. Eu ficava maravilhada com as narrativas, achava superdivertidas, bem como com as cores, histórias e atividades extras que tinham ao final dos quadrinhos. A outra situação, já nas séries finais do Ensino Fundamental, na então 7ª série (atual 8º ano), foi a proposição de uma professora de Arte para que fizéssemos uma tirinha. Lembro bem que não consegui fazer, porque não sabia desenhar tão bem e acreditava que para fazer um trabalho assim tinha que saber desenhar bem bonito, ter aptidão. Assim, pedi a um colega que fizesse para mim. Foi um lindo trabalho, lembro bem de toda a história narrada na tirinha. E eu tirei nota 10. Mas confesso que não fiquei confortável por ter enganado a professora.

O tempo passou e acabei me distanciando totalmente dos quadrinhos. Mas o mais interessante é que vez ou outra eu lembrava do quadrinho que não tinha feito lá na aula de Arte. Ter enganado a professora parece ter me marcado de alguma forma e talvez por hoje está na mesma posição que ela, compreenda ainda mais o porquê. Tornei-me, portanto, professora, graduei-me em História e comecei a utilizar esporadicamente as HQs para ilustrar alguma questão ou comentário sobre um conteúdo, mas numa visão muito superficial. Já foi depois do ingresso ao PROFHistória, na busca por um objeto de pesquisa que fui me aproximando dos quadrinhos novamente e comecei a estudar o potencial de ação pedagógica desse recurso. Para minha grata surpresa, nesse ínterim, acabei conhecendo as tirinhas produzidas pela Pagu, em 1931. Personalidade emblemática que está ligada ao movimento

modernista, à militância de esquerda e ao movimento feminista brasileiro. Foi, portanto, o entrecruzamento que eu precisava: Histórias em Quadrinhos, Pagu e Ensino de História.

Isso posto, esclarecidas as motivações de escolha pela temática da pesquisa, a opção por desenvolvê-la voltada ao público do 9º ano foi em virtude do recorte temporal dos quadrinhos de Pagu está contemplado na Era Vargas, conteúdo que faz parte do currículo dessa série e que, portanto, auxiliaria na contextualização e compreensão da historicidade das tirinhas, o que não inviabiliza o trabalho com outras séries. Feitas as devidas adequações, as propostas de ações pedagógicas sugeridas neste trabalho podem ser replicadas em qualquer público discente do Ensino Fundamental e Médio, tendo em vista que o trabalho foi desenvolvido também pela ótica do gênero e feminismo, temas pertinentes, como já foi apontado, em outros componentes curriculares também.

Diante da situação de pandemia que dificultou sobremaneira o desenvolvimento desta pesquisa diretamente com as/os estudantes, buscamos como alternativas elaborar uma sequência didática voltada a auxiliar docentes de História a trabalharem as temáticas do feminismo, tirinhas de Pagu e HQs no ensino de História.

O desenvolvimento desta pesquisa buscou fazer a análise da contribuição de Pagu ao pensamento feminista brasileiro das primeiras décadas do século XX, incluiu a discussão de suas tirinhas, como registros de uma época e ponto de partida para o trabalho de temas como o feminismo e gênero. Isso possibilitará, na aplicação da sequência didática junto aos/às discentes, que eles/elas possam estabelecer uma relação entre contexto histórico da obra e o presente deles/delas, identificando as possíveis similaridades da narrativa dos quadrinhos com o seu mundo e consigo mesmos (as).

Neste caminho, no primeiro capítulo, foi realizado um estudo da conjuntura histórica dos anos de 1930 no Brasil, marcados por intensas mudanças nos campos político, social, cultural e econômico, levando em consideração o nascimento do jornal *O Homem do Povo*, fundado por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão, no qual Pagu publicou entre outros textos, as histórias em quadrinhos. Essas tiras, intituladas *Malakabeça*, *Fanica* e *Kabelluda* também foram analisadas uma a uma, nesta parte do trabalho, que foi finalizado com um breve estudo sobre a utilização das HQs nas aulas de História, tanto enquanto fonte histórica bem como recurso metodológico.

No segundo capítulo, fez-se um estudo sobre as HQs sob diversas perspectivas com o intuito de trazer pontos muito importantes de análise desse recurso para sua utilização em sala de aula. Primeiramente, a abordagem trouxe um panorama histórico dos quadrinhos a partir do século XX até os dias atuais para uma compreensão de alguns momentos importantes das

HQs ao longo desse período, como o aumento de sua popularidade, depois perseguição e posteriormente sua aceitação novamente. Logo após, o capítulo tratou de algumas especificidades e elementos próprios da linguagem das HQs e sua aplicabilidade nas aulas de História e, por fim, como os quadrinhos estão presentes nas produções de dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA).

Dessa forma, o terceiro e último capítulo foi desenvolvido inicialmente a partir do estudo da metodologia da sequência didática, com definição, elementos estruturais e sugestões de organização por meio das pesquisas de Antoni Zabala (2014). Logo depois, foi apresentada em seus pormenores a proposta de intervenção pedagógica e produto final deste trabalho, que é uma sequência didática desenvolvida para a aplicação em turmas de 9º ano, articulando as tiras de Pagu, o estudo do gênero e do feminismo e a produção de história em quadrinhos em sala de aula.

CAPÍTULO 1 – Os quadrinhos feministas de Pagu: contribuições para o ensino de História

1 - O homem e a mulher do povo: conjuntura histórica

Os anos de 1920 e 1930 foram marcados por intensas mudanças nos campos político, social, cultural e econômico no Brasil. A Semana de Arte Moderna, o surgimento do Partido Comunista, a Grande Depressão e suas implicações na economia brasileira ainda baseada na exportação de produtos agrícolas, e a chegada de Getúlio Vargas ao poder, sinalizam essa época de transformações, marcada por revoltas, rebeliões e contestações às estruturas sociais vigentes.

O clima político de grande instabilidade estimula o debate cultural e sobretudo as opções ideológicas de inúmeros intelectuais que vão aderir mais ou menos explicitamente ao integralismo de Plínio Salgado; às propostas da Aliança Nacional Libertadora e do Partido Comunista; às vertentes autoritárias, católicas ou não; à defesa de um ideário liberal reformado; e a uma variedade de posicionamentos dispostas em um complexo campo de possibilidades teóricas e práticas. (GOMES, 1993, p. 72).

É nesse período bem movimentado da história do Brasil que surge o jornal *O Homem do Povo*, em 1931, da união entre Oswald de Andrade e Patrícia Galvão, mais conhecida como Pagu. Oswald é uma das personalidades centrais do Modernismo no Brasil, autor de dois importantes marcos desse movimento: o Manifesto da Poesia Pau-Brasil (1924) e o Manifesto Antropofágico (1928). Além de poeta, escritor e dramaturgo, se destacou como um “agente singular no jornalismo paulista desde a primeira década do século XX” (MARTINS; LUCA, 2013, online).

Patrícia Galvão também é associada diretamente ao Movimento Modernista da década de 1920, tendo participado de sua segunda fase, “que teve em Pagu uma musa, [...] uma crítica feroz na defesa das revoluções subjacentes ao espírito desta”. (CAIXETA, 2004, p. 60). Ademais, Pagu foi militante política, atuando em diversos setores de esquerda, além de escritora, tradutora, desenhista, diretora de teatro e jornalista. E é no embalo desse casal revolucionário que nasce *O Homem do Povo*, que seguirá, em certa medida, a linha do modernismo antropofágico, ao reivindicar uma renovação política e estética, como aponta a historiadora Mônica Velloso:

No Manifesto [Antropofágico], Oswald de Andrade faz uma leitura da nossa cultura que, baseada em fontes primitivas, traduz uma matriz anarquizante e contestadora. Toma-se o riso e, particularmente, a utopia como forma de constituição e chave de explicação da nacionalidade. Essa crença na utopia

como força capaz de impulsionar o processo da transformação social explica a filiação de Oswald de Andrade o Partido Comunista (2018, p. 363).

O Homem do Povo criticou abertamente o modelo socioeconômico da época baseado nas desigualdades sociais atribuídas ao sistema capitalista, a administração política, os padrões religiosos, entre outros aspectos e valores tradicionais daquela sociedade, considerado assim “um jornalismo agressivo, de caráter panfletário e humorístico, cuja arma predileta era a invectiva polêmica, o ataque verbal despudorado, com um colorido ideológico ‘de esquerda’” (RISÉRIO, 2014, p. 35). Em formato tabloide (48x34 cm), disposto em colunas, o jornal apresentava um projeto gráfico bem variado, com artigos, notas, editorial, cartuns, tirinhas, anúncios publicitários e seções que tratavam dos mais variados assuntos, visto que “Oswald, Pagu e os demais articulistas redigem páginas de pura conflagração: crítica à Igreja, ao Estado, aos governos, à família e aos costumes, ao colonialismo cultural, um mapa das mazelas do mudo promovidas pelo capitalismo” (ELEUTÉRIO, 2009, p. 66).

Todas essas características apontam para um grupo de jornalistas críticos e destemidos com uma atuação engajada que acabou ganhando inimigos, situação que pode estar relacionada à efemeridade do jornal com uma vida reduzida a oito edições (que circularam de 27 de março de 1931 a 13 de abril de 1931) que, ao que tudo indica, teria circulado apenas na cidade de São Paulo. Esse caráter passageiro não era estranho à realidade de periódicos contestatórios e, de acordo com Martins e Luca, “quase todos os jornais enfrentavam os problemas de duração e periodicidade irregular. A falta de recursos e a intensa repressão política eram fatores de preocupação permanente” (2013, online). Após conflitos com estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, que se sentiram ofendidos em algumas publicações feitas por Oswald de Andrade no jornal, *O Homem do Povo*, foi fechado pela polícia. Nessa ocasião, o casal de jornalistas quase foi linchado e o incidente foi noticiado em vários jornais na época.

Ao analisar o *corpus* do jornal, nota-se o enfoque do título “*O Homem do Povo*” presente em todas as seis páginas dos oito números do periódico, sempre no topo e centralizado. Mas quem seria esse povo?

Na 2ª edição na seção “*commentarios* (sic) de um *Homem do Povo*”, o jornal afirma que “povo quer dizer o povo que trabalha, o povo que sofre, o povo oprimido e explorado” ao passo que, numa linguagem mais ácida, assevera que “Não acreditamos que haja alguém suficientemente cretino para vir nos dizer que o sr. Conde Matarrazo é povo, que o sr. Crespi é povo, que o sr. Conde de Lara é povo” (O HOMEM DO POVO, 28/03/1931, p. 3). Ou seja, a burguesia capitalista e o povo estavam de lados opostos e o objetivo de *O Homem do Povo*

era auxiliar na reflexão da classe dominada acerca do seu mundo, suas condições de vida, questionando a classe dominante, a qual, no texto de editorial da edição supracitada, é assim caracterizada: “mas quem é essa elite, em cujas mãos se monopolizam os 'meios de produção'? Imbecis de todas as espécies, moços que não têm um dedo de conhecimento de vida, coronéis inviris e de mulheres feias, vazias e recalcadas” (p. 01).

Cofundadora do jornal, Pagu foi uma colaboradora relevante e dividiu a direção do periódico com Oswald de Andrade. Ela contribuiu com artigos e outros textos, usando inclusive, outros pseudônimos como G. Léa, Irmã Paula, Brequinha, Peste, K. B. Luda, etc., “além disso, era a autora das ilustrações, charges, vinhetas, títulos, legendas, como o comprova a comparação com os desenhos do Álbum de Pagu, da Revista da Antropofagia” (CAMPOS, 2014. p.132). Desta feita, presume-se a importância dela na estruturação estética e gráfica do período.

Pagu é a responsável pela seção *A Mulher do Povo*, onde, de maneira contundente e bem áspera, não poupou críticas ao comportamento feminino burguês considerado fútil, ao feminismo “de elite”, denunciou o lugar de inferioridade social que as mulheres ocupavam, bem como a postura de alienação feminina em relação à ação política. Atacou ainda instituições, como a Igreja Católica e a Escola Normal e a família tradicional, em que, na visão de Pagu, imperava a hipocrisia. Presume-se a coragem dela em criticar abertamente três importantes instituições sociais da época. Tal aspecto pode ser conferido na edição de número 5, excerto do artigo “Liga de trompas *catholicas*”, em um dos editoriais da seção *A Mulher do Povo*, onde Patrícia critica sem rodeios o comportamento que ela considerava dissimulado, reproduzido em uma sociedade onde pessoas pregavam alguns valores que elas mesmas descumpriam em segredo:

E vão vivendo a vida desmoranante e pequena. E a organização das ligas de trompas continuam escondendo, qualquer consequência da sua falta de liberdade. Mães idiotas que querem dar a uma vida de controle a compensação de violões e cantinhos da Curia. Uma educação erra a lá “Estado de S. Paulo” que ensinando tudo faz campanhas p’ra gente fazer o que ele proíbe. Mães que se desgraçam porque querem catholicamente que as filhas façam do casamento um caixão do Rodovalho até que apodreça ou arrebente. Senhoras que cospem na prostituição, mas vivem sofrendo escondidas num véu de sujeira e festinhas hipócritas e maçantes, onde organizam o hymno de cornetas ligadas pr’a todos os gosos, num coro estéril, mas barulhento (O HOMEM DO POVO, 04/04/1931, p. 2).

O posicionamento de Pagu segue audacioso em *O Homem do Povo* e na seção intitulada *Palco, Tela e Picadeiro*, espaço no jornal de anúncios de apresentações artísticas e

ensaios críticos, de notas sobre filmes e artistas, ela não perde o tom satírico e debochado. Usando outros pseudônimos como Irman Paula, K. B. Luda e Gaz Asphixiante, para assinar alguns dos artigos, Pagu não perde a oportunidade de ridicularizar o comportamento do público considerado burguês, que aceita tudo o que vem de fora sem um julgamento mais contundente e muitas vezes até sem nem entender o que está consumindo. Há em alguns trechos críticas diretas ao colonialismo e subalternidade culturais presentes no Brasil, como pode ser analisado no trecho a seguir:

A sra. Berta Singermann continua um hábito de prima-donas desempregadas – veio fazer América. Não veio da Europa, mas já Buenos Aires exporta material de arte para o Brasil. Porque, na verdade, só o Brasil hoje é a terra americana própria ao cogumelar de celebridades [...].

Na palpavice o Brasil continua evidentemente vanguardeiro. Fomos assistir uma função da judia argentina Berta Singermann. E depois lembrando aqueles cenários de falsa arte moderna, umas coisas barroco-futuristas cheias de douradinhos e pingando ares novo-rico de última moda, ficamos pensando naquela menina que cruzou conosco à saída. Dizia a menina elegante: - Não entendi nada, mas achei admirável.

[....]

Com a capacidade basbaque de admirar, pasmou de puro goso como o fizeram as suas amiguinhas, diante dos berros histéricos da falsa atriz. Feliz brasileira!

[...]

Não admiramos nada. Não sentimos nada. Aquilo é o pior, mais antiquado, mais estúpido que o teatro lírico, a “Aida”, “Trovatore” compreendidos, esses documentos pré-históricos que fazem chorar os ricos da Avenida Higienópolis [...] (O HOMEM DO POVO, 27/03/1931, p. 4).

Além de todas as atribuições e responsabilidades atribuídas a Pagu em *O Homem do Povo*, foi ela que também produziu as histórias em quadrinhos que quase sempre fechavam as edições, uma verdadeira inovação para a época, intituladas de *Malakabeça*, *Fanika* e *Kabelluda*. Ainda que pouco estudada, essa outra faceta de Pagu se destaca ainda mais pelo fato dessas tiras serem consideradas, até aquele período, “os únicos quadrinhos feitos por uma mulher, no Brasil, identificados até o momento. Até então, as mulheres, em terras brasileiras, haviam se destacado apenas na charge e na caricatura [...]” (NOGUEIRA, 2017). E assim, diante da multiplicidade da obra de Pagu, e da importância desses quadrinhos para a construção deste trabalho, essas tirinhas serão mais detalhadamente estudadas e, a partir dessa análise, do contexto de produção das tirinhas e de outras leituras acerca da vida de Pagu, buscar-se-á compreender a atuação dessa mulher forte e libertária que protagonizou uma história intensa, adversa e, acima de tudo, muito à frente de seu tempo.

Tendo em vista que o foco principal desta pesquisa é a proposição de estratégias didáticas que venham a contribuir com o Ensino de História, a discussão além de levar em consideração as tiras de Pagu, enquanto fontes históricas, também pontuará sua dimensão enquanto recurso didático, analisando-a dentro do universo das Histórias em Quadrinhos (HQs), com suas particularidades e modelos narrativos. Com isso, destacar a importância que Pagu teve no cenário das lutas feministas do início do século XX e apresentar um estudo sobre o potencial pedagógico dos quadrinhos na prática educativa que colabore para um aprendizado que motive e engaje as alunas e os alunos no processo de construção do conhecimento histórico na sala de aula.

2 - Pagu e o pioneirismo das histórias em quadrinhos feministas

Pela forma original, criativa e ousada que Pagu trabalhou as histórias em quadrinhos *Malakabeça*, *Fanika* e *Kabelluda*, apresentando-as numa estética engajada e politizada, refletindo nelas, inclusive, suas próprias experiências pessoais, essa obra se configura como uma relevante contribuição ao pensamento feminista brasileiro, nas primeiras décadas do século XX, sendo consideradas, não só os primeiros quadrinhos feitos por uma mulher no Brasil, como também os primeiros quadrinhos feministas no país identificados até o momento. Essas tirinhas ao serem analisadas como um documento histórico do início do século passado, trazem algumas interpretações e evidenciam pautas e reivindicações do seu contexto histórico, que podem também fazer parte de problemáticas atuais, mesmo depois de quase um século de sua criação.

Ao todo foram oito tirinhas, uma por edição, com desenhos de traços mais rápidos e às vezes, caricaturais, organizadas em quatro quadrinhos sempre com o mesmo formato. Eles retratam, de forma cômica uma história com três personagens fixos: Kabelluda, uma jovem contestadora e destemida que, portanto, fugia aos padrões sociais da época, e os tios Fanika e Malakabeça. A tirinha da edição número 2 do jornal, mostra a chegada da moça revolucionária à casa dos tios e o impacto da presença dela na vida do casal, apontada como o “pomo de discórdia” entre eles: a tia Fanika não aceitará o comportamento rebelde e libertário (o que ficará claro nas tirinhas seguintes) da sobrinha, e ficará incomodada com o marido Malakabeça que fará as vontades da jovem.

IMAGEM 1: Tira da edição número 02



Legendas: Malakabeça e Fanika eram um casal sem filhos/ A cegonha lhe trouxe uma sobrinha pobre- Kabelluda/ Foi o pomo da discórdia/ e o consolo de Malakabeça.

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (28/03/1931, p. 6)

No decorrer da análise das outras tirinhas, essa relação não muito amistosa entre a tia e a sobrinha ficará ainda mais explícita com as constantes desavenças entre elas. Fanika dará vida a uma personagem moralista e conservadora fruto de uma sociedade patriarcal, que buscava a todo custo cercear a liberdade feminina e limitar a participação das mulheres no espaço público. Kabelluda, por sua vez, não se atinha a esses ditames sociais, motivo principal da desavença entre as duas.

De modo geral, os quadrinhos refletem as bandeiras já levantadas por Pagu, em seções anteriores no jornal, como a necessidade de maior participação política das mulheres, críticas à desigualdade econômica e a de gênero, à submissão e passividade que atravessava o feminino de seu tempo:

[...] história criada por Pagu é protagonizada pela jovem revolucionária Kabelluda que vive com o tio Malakabeça e sua mulher Fanika, que discorda de todas as atitudes da sobrinha. As tirinhas estão presentes em todas as edições do jornal. A menina com ideias rebeldes, contestadoras, independente e comunista (que quase nunca tem um final feliz) é o alter ego de Patrícia, que assina alguns de seus ensaios com o pseudônimo Kabelluda (HOLANDA, 2014, p. 58).

A exclusão e o tratamento desigual sofridos pelas mulheres variou ao longo do tempo e mesmo com todas as conquistas quanto aos direitos femininos, a desigualdade de gênero, o machismo e tentativas de silenciamento ainda assombram muitas mulheres nas sociedades contemporâneas. E a História, que também por tanto tempo excluiu as mulheres, tem condições hoje de buscar uma espécie de reparo, trazendo do passado memórias e vivências

de quem sempre esteve lá, visibilizando-as, bem como os seus coletivos femininos, seus protagonismos e lutas.

Por que a história e a memória do feminismo? Certamente, o feminismo coloca o dedo nesta ferida, mostrando que as mulheres foram e ainda têm sido esquecidas não só em suas reivindicações, em suas lutas, em seus direitos, mas em suas ações. Suprimidas da História, foram alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado. O feminismo aponta para a crítica da grande narrativa da História, mostrando as malhas de poder que sustentam as redes discursivas universalizantes. O feminismo denuncia e critica. Logo, deve ser pensado e lembrado (RAGO, 1996, p. 15).

Dessa maneira, com esta pesquisa sobre a contribuição de Pagu ao pensamento feminista brasileiro das primeiras décadas do século XX, pretende-se dar visibilidade a um movimento social, político e intelectual que marcou sobremaneira a sociedade brasileira, responsável por muitas conquistas na luta das mulheres pela igualdade de direitos e reconhecimento social, e mostrar a história de uma mulher como personagem ativa politicamente, que conseguiu se livrar de muitos estereótipos, que sonhou e lutou por uma sociedade mais justa e que respeitasse a individualidade das mulheres.

Ao continuar a análise das tiras de Pagu publicadas no jornal *O Homem do Povo*, logo na primeira edição, Kabelluda, a jovem transgressora, funda um jornal com a ajuda do tio. O noticiário faz muito sucesso mas abruptamente é fechado. Seria a ficção antecipando a realidade. A narrativa retratada nesse quadrinho de abertura, de alguma forma previu o futuro do jornal de Oswald e Pagu, que depois de algumas edições também será fechado.

IMAGEM 2: Tira da edição número 01



Legendas: Kabelluda resolveu fundar um jornal do povo/ incitou Malakabeça a organizar uma grande empresa/ O jornal fez enorme sucesso/ O jornal fechou.

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (27/03/1931, p. 5)

Logo depois de mostrar que o jornal deixou de funcionar, a narrativa do quadrinho prossegue mostrando a jovem Kabelluda segurando uma mala com a inscrição “Fernando de Noronha”, onde na época ainda funcionava um presídio, o que provavelmente seria uma alusão à prisão da fundadora do jornal¹. Ainda que o final não tenha sido feliz para a protagonista, o que será uma constante na vida dela em quase todos os episódios, sua iniciativa apontou a possibilidade de participação ativa para as mulheres no espaço público e o desejo de superar os limites impostos à atuação das mulheres naquela sociedade. Aqui percebe-se a importância da iniciativa política feminina, de uma mulher que se preocupa com os problemas sociais ainda que ajam empecilhos ao pleno exercício dessa ação cidadã:

Na obra de Pagu é exposta a necessidade de libertar a mulher de muitos grilhões: a falta de educação, o casamento burguês e a repressão sexual, a hipocrisia dos relacionamentos, a alienação política, a exploração do trabalho... Mesmo brigando pelos direitos femininos, a conduta de Patrícia é bem diferente de suas contemporâneas feministas (HOLANDA, 2014, p. 67).

No próximo quadrinho, Kabelluda, a ativista da causa comunista é perseguida por seu posicionamento, presa e logo depois assassinada em espaço público. Esse episódio pode ser considerado um prelúdio ao recrudescimento da intolerância aos comunistas nos anos de 1930. Considerados a “ameaça vermelha”, foram perseguidos, torturados e muitos até perderam a vida. A própria Pagu foi perseguida, presa mais de vinte vezes, e torturada várias vezes por sua militância no Partido Comunista. O cenário nacional piora

Depois da rebelião² [de 1935], uma forte repressão se abateu não só contra os comunistas, mas contra todos os considerados opositores do regime. Milhares de pessoas foram presas em todo o país, inclusive deputados, senadores e até mesmo o prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, um dos principais articuladores da Revolução de 1930. Mais de cem oficiais e centenas de sargentos, cabos e soldados foram expulsos do Exército. Todos sofreram rigorosos processos judiciais e muitos foram condenados a penas altas. Alguns como Luís Carlos Prestes, amargaram quase dez anos de prisão (PANDOLFI, 2019, p. 28)

Mais uma vez Kabelluda parece antecipar o que estava por vir e como já apontado, os anos seguintes ao jornal *O Homem do Povo* serão bem difíceis para aquelas (es) que criticarem abertamente o governo de Getúlio Vargas.

1 Durante o Estado Novo de Vargas (1937-1945), quando se intensificou a perseguição aos comunistas, muitas lideranças de esquerda foram enviadas para a ilha de Fernando de Noronha como presos.

2 Um movimento armado organizado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) cujo o objetivo era retirar Getúlio Vargas do poder e instalar um governo popular. Com levantes apenas em Natal, Recife e Rio de Janeiro e sem o apoio do operariado, os revoltosos foram rapidamente vencidos pelas tropas do governo.

IMAGEM 3: Tira da edição número 04



Legendas: Kabelluda fez um meeting comunista na Praça da Lamparina/ Foi presa/ Fusilada/ No terceiro dia ressurgiu dos mortos!

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (02/04/1931, p. 6)

Pagu quer a todo custo chamar a atenção para importância do engajamento político como a única alternativa para transformar a sociedade em um lugar mais justo. Ela ia de encontro às tradições e implodia estereótipos criados para seu gênero. Mas, como era de se esperar, não foi compreendida por parte daquela sociedade conservadora, inclusive por muitas mulheres de seu tempo, que também viviam na bolha do patriarcalismo. Por fim, essa tira pode reforçar ainda o tamanho da audácia de Pagu ao provocar de alguma forma a cólera de religiosos. Ao usar a metáfora da ressurreição apresentada ao final da narrativa, ela mostrava uma figura feminina, Kabelluda, comparada a ninguém menos que a figura principal do cristianismo - Jesus Cristo - que na tradição cristã, foi perseguido, assassinado e ressuscitou ao terceiro dia.

Já na tirinha seguinte, a tia Fanika apresentada como uma mulher muito conservadora e moralista, representa essas mulheres contemporâneas de Pagu que não aceitavam seu posicionamento fora dos padrões. Ela não aceita o fato de a sobrinha propor um jornal livre. Kabelluda por sua vez não se deixa abater, pede auxílio a “indios exilados”, e resistindo às imposições da tia age de forma bem radical – “maiando o Judas”. Pagu mais uma vez retrata Malakabeça disposta a lutar pelos seus interesses – que sempre se inserem em uma luta maior - com uma jovem emancipada e corajosa.

IMAGEM 4: Tira da edição número 05

Legendas: Kabelluda quis fazer um jornal livre/ Fanika proibiu os de propósito/ Kabelluda buscou os índios exilados/ E maiaram os judeus. Fonte: ANDRADE; GALVÃO (04/04/1931, p. 6)

Na próxima história apresentada nos quadrinhos de Pagu, a abordagem denuncia mais uma série de violências que Kabelluda sofrerá. Tudo começa quando Kabelluda fugira para Portugal e acabou sendo assediada pelos portugueses. Depois de alguns meses, voltou para a casa dos tios que a recebem felizes. No entanto, Fanika descobre que a sobrinha engravidou, castiga-a e mata sua filha, Kabelludinha, para desespero de Kabelluda.

IMAGEM 5: Tira da edição número 06

Legendas: Kabelluda fugiu para Portugal/ Os portugueses sentiram o cheirinho e deram em cima/ Kabelluda voltou com Kabelludinha para o gozo de Malakabeça/ Fanika moralista estragou porque Kabelluda era solteira. Fonte: ANDRADE; GALVÃO (07/04/1931, p. 6)

A tia conservadora intervém de forma tão extrema porque a sobrinha contrariou os bons costumes da família burguesa, “desonrando-a”. Pagu também pode ter feito nessa tirinha uma alusão à prática do aborto (NOGUEIRA, 2017, p. 5), que causava incômodo entre as

mulheres “de família”, mas que acabava sendo feito às escondidas, por muitas delas, revelando a hipocrisia daquela sociedade, imbuída de um patriarcalismo promovido pelas próprias mulheres. Quanto a esse assunto, é importante compreender como a estrutura basilar do patriarcado funciona:

Cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. [...] A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (NARVAZ, 2006, p. 53 apud MILLET, 1970; SCOTT, 1995).

Pagu, apresenta, portanto, uma crítica ao modelo tradicional de família que se baseava no controle do corpo e das decisões das mulheres, para atender a determinados interesses políticos, ideológicos e mesmo religiosos. Ela questiona o lugar social feminino, alienante, numa tentativa de tentar mobilizar contra essa opressão e subserviência por parte das mulheres, o que também pode ser observado na tirinha a seguir, onde Kabelluda vai para a faculdade e mesmo sabendo dos riscos de se posicionar, assim o faz e ela acaba linhada ao discordar do professor da universidade.

IMAGEM 6: Tira da edição número 08



Legendas: Kabelluda vai a faculdade/ Acha o professor pau/ Xinga de réo/ É linhada pelos ruvs (?)

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (13/04/1931, p. 6)

Pagu continua a colocar em xeque as regras estabelecidas ao comportamento feminino, apostando no poder de escolha da mulher. Na história em quadrinhos abaixo, Kabelluda e o seu namorado, o sargento, são retratados logo no início. No entanto, seu encontro é interrompido pela chegada de um político, ao qual seu namorado é submisso. Kabelluda não aprova essa subordinação e consonância ao político, uma representação do

sistema político da época, e foge com o “Homem do Povo”, uma clara menção a Oswald de Andrade.

IMAGEM 7: Tira da edição número 7



Legendas: Kabelluda namora o sargento/ Aparece o político cartolão fonfonando/ Kabelluda acha pau/ E foge com o Homem do Povo

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (09/04/1931, p. 6)

Pagu, também usou os quadrinhos para demonstrar seu descontentamento com a visita do príncipe de Gales ao Brasil, em março de 1931, além da publicação de outras notas no jornal. Satirizou o fato de as jovens brasileiras estarem eufóricas e deslumbradas com a presença de Edward, herdeiro do trono inglês:

IMAGEM 8: Tira da edição número 03



Legendas: Kabelluda soube que o príncipe gosta muito das brasileiras/ Resolveu ir à estação/ Mas soube que na Inglaterra havia/ E resolveu bancar a nacionalista.

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (09/04/1931, p. 6)

Kabelluda ao saber da vinda do príncipe, logo no início, também vai à estação, mas não para saudá-lo, como fizeram as demais, e sim questionar a fome sofrida na Inglaterra. Percebe-se aqui claramente, o embate que Pagu quis aclarar entre as mulheres da burguesia e as mulheres do povo. Kabelluda consciente do seu papel social, que questiona os problemas do povo, contrasta com o que Pagu chamava de alienação da mulher burguesa, preocupada com futilidades. Ao final da história, Kabelluda, contestadora, ao ver o nobre britânico de perto, sem nenhum pudor, dobra o braço enfaticamente, dando “uma banana” ao príncipe.

Com essa análise, ainda que superficial, das tirinhas, foi possível apreender alguns pontos do diálogo de Pagu com a sociedade paulistana do início da década de 1930. Primeiro, que ela não aceitou o lugar de passividade e submissão ainda destinado à maioria das mulheres desse período; criticou abertamente esse lugar feminino da resignação e o modelo tradicional de família que, baseado no conservadorismo e valores religiosos, buscava a todo custo o controle do corpo e das decisões das mulheres. Todo esse posicionamento vai ao encontro do Movimento Feminista à época. Porém, seu projeto parecia ser ainda mais amplo. A cidade mais industrializada do país seguia os moldes de produção capitalista e o posicionamento de esquerda levou Pagu a fazer críticas a esse modelo socioeconômico, onde a riqueza gerada para um pequeno grupo contrastava com a pobreza em que a maioria vivia. Desse modo, ao confrontar esses quadrinhos de quase cem anos atrás com o presente, nota-se que a continuidade de tantas inquietações e problemas apontados por eles ainda fazem parte em menor ou maior grau da atualidade.

3 - As HQs na sala de aula e os quadrinhos de Pagu no ensino de História

As Histórias em Quadrinhos (HQs) se constituem atualmente como uma mídia de grande alcance popular e um recurso didático utilizado por docentes das mais diversas disciplinas escolares. Seu uso, especialmente a partir do final do século XX, tem criado novos desafios aos educadores, que compreendendo algumas particularidades e elementos de sua linguagem, podem ter nas HQs uma aliada para um ensino mais dinâmico e interessante. Nas últimas décadas, na construção da narrativa histórica, novos agentes, fontes e linguagens vêm reconfigurando essa escrita e as HQs vêm se consolidando com objetos de pesquisa histórica, bem como recurso didático em sala de aula.

A trilha dos quadrinhos transitou em diferentes aspectos na década inicial deste século 21. Das bancas às livrarias. Do “fim” das revistas nas bancas para o retorno triunfal delas. Da Abril e da Globo para a Panini. Das poucas opções editoriais ao surgimento de uma gama de logos. Das editoras

tradicionais à venda delas. Dos super-heróis à esmagadora presença dos mangás. Dos jovens aos adultos. Da quase ausência dos quadrinhos no ensino para a inclusão oficial em gordas listas governamentais. Das poucas às muitas pesquisas. Do espaço raro na grande mídia às reportagens recorrentes. Do comercial ao independente. Do papel para a internet. E da internet de volta para o papel (RAMOS, 2012, p. 7).

Tendo em vista que boa parte das (dos) discentes têm ou tiveram contato com ao menos um de seus formatos – tiras em quadrinhos, revista em quadrinhos, mangás, charges, cartuns, as novelas gráficas, os *webcomics*, *fanzines*, entre outros – e têm assim uma certa familiaridade com esse recurso, as HQs, podem, portanto, ser uma boa alternativa à construção de um aprendizado mais significativo e prazeroso, despertando e/ou fortalecendo o potencial criativo dos alunos.

As histórias em quadrinhos traduzem-se - apesar das limitações ou concepções que nem sempre vão de encontro às novas tendências do ensino - em grandes possibilidades de se contar e resgatar uma história talvez distante, esquecida. Os fatos passam a ser vividos por personagens, e adquirem contornos, faces, causas pelas quais lutar. As palavras e tramas passam a capturar a atenção e a identificação do leitor para com o enredo, com o roteiro (CERRI, 2006, p. 4352).

Assim, as HQs facilitam o estímulo à imaginação histórica e à leitura, motes para uma reflexão sobre memória, tempo, identidade e uma infinidade de elementos recorrentes na prática historiográfica. Ademais, a relação entre história e ficção é outro ponto bastante interessante que pode ser vislumbrado nesse uso pedagógico das HQs, já que elas narram acontecimentos, constituindo-se em boa parte de seus exemplos numa narrativa ficcional e ao mesmo tempo expressam uma compreensão de mundo da época ou conjuntura de quem os criou, contextualizando historicamente a vivência e as ações dos personagens presentes. Mesclando assim realidade e ficção, diferentes caminhos e possibilidades da construção da narrativa histórica reflexiva e instigante podem se abrir.

Ao se depararem com o texto ficcional de uma história em quadrinhos, as (os) discentes poderão ser estimulados a compreender que aquela criação imaginária, pode não ter ocorrido, mas poderia ser sim, verossímil, ao compará-la com a realidade de alguém que a (o) estudante conheça ou até mesmo com a sua própria realidade. A ficcionalidade desse recurso não impede, portanto, o seu uso na educação histórica, muito pelo contrário: possibilita trabalhar conceitos e noções históricas importantes.

Nessa perspectiva, Roger Chartier (2017) aponta alguns aspectos importantes nessa distinção entre a ficção e história e que podem ser muito úteis na análise das HQs em sala de

aula. Chartier ressalta que não é a divisão entre essas duas áreas o que mais importa e sim os relatos que elas oferecem, tendo em vista que “ao abandonar o verossímil, a fábula fortaleceu mais sua relação com a história, multiplicando as notações concretas destinadas a carregar a ficção de um peso de realidade e a produzir uma ilusão referencial” (CHARTIER, 2017, p. 28). E assim, nota-se que “ao mobilizar os ‘efeitos de realidade’ que partilham o saber histórico e a invenção literária, mostra os parentescos que os vinculam” (CHARTIER, 2017, p. 29). As HQs podem assim, ser um convite para se pensar a realidade e nossa relação com mundo.

Nesse diálogo com os campos da ficção e história e sua relação com aula de história e uso das HQs, semelhante ao posicionamento de Chartier, o filósofo Paul Ricoeur, não vê na relação entre ficção e história um enfraquecimento do “projeto de ‘representância’ desta última, mas contribui para realizá-lo” (RICOEUR, 2010, p. 318). Dessa forma, uma obra ficcional pode oferecer outras possibilidades de se “ler” o passado e

Assim, embora seja verdade que uma das funções da ficção, misturada com a história, é liberar retrospectivamente certas possibilidades não realizadas do passado histórico, é por meio de seu caráter quase histórico que a própria ficção pode exercer a posteriori sua função libertadora. O quase passado da ficção torna-se assim o detector dos possíveis escondidos no passado efetivo (RICOEUR, 2010, p. 325).

Ao incentivar e estimular o (a) aluno (a) a perceber as relações entre essas duas áreas, a história e ficção, usando os quadrinhos como fonte histórica e as representações de passado que ela pode trazer, o professor abre caminhos à produção de um conhecimento cheio de importância e significação ao alunado. Nesse sentido,

O aluno é um ser social completo, não é uma tábula rasa [...] tem conhecimentos múltiplos [...]. traz[em] consigo expectativas de aprendizagem perante hipóteses construídas. O professor deve possibilitar a manifestação dos interesses, curiosidades e anseios em relação às questões propostas, assim como em relação aos procedimentos, às atividades para sua realização (GUIMARÃES, 2012, p.181)

Dessa maneira, passar a utilizar a HQ enquanto material pedagógico, pode promover um interesse novo para o aprendizado e construção do conhecimento histórico, tendo em vista, que enquanto artefatos de cultura histórica, as narrativas de constituição de sentido presentes numa HQ, evidenciam experiências sobre o passado e, como afirma Marcelo Fronza:

A partir disso, entendo que as histórias em quadrinhos se inscrevem entre os artefatos que podem ser uma porta de entrada para a compreensão do universo das práticas e conhecimentos dos alunos e dos professores no ambiente escolar. Isto porque a utilização de um instrumento relativamente distante dos materiais tradicionais em uso nas escolas pode causar um positivo estranhamento aos alunos. Esse estranhamento possibilita revelar alguns caminhos que os levem a um desenvolvimento das concepções em relação às práticas culturais no universo escolar, principalmente no que diz respeito à construção do conhecimento histórico. (2007, p. 17).

Assim, esse estranhamento pode despertar a compreensão de atores sociais envolvidos no contexto cultural em que a HQ foi produzida e ao serem pensados historicamente nas aulas de História, com seus personagens, narrativas e o contexto em que surgiram, trazem uma contribuição à imaginação histórica e ajudam as (os) alunas (os) a pensarem em uma consciência histórica, num processo em que novas perspectivas são incorporadas ao conhecimento que se tinha sobre determinado tema.

O historiador Jörn Rüsen defende que as interpretações do tempo e de nossas próprias experiências formam uma consciência histórica, ou seja, “uma síntese das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (2001, p. 56-57). Assim, a consciência histórica se dá quando o passado é acessado por meio da memória, interpretado e ressignificado de modo que o sujeito constitui nesse processo uma relação entre o passado, o presente e o futuro, pois, tendo em vista que ao dar sentido ao passado, o indivíduo acaba projetando ao espaço de vida presente, aspirações e expectativas para o futuro. Ao encontro dessa relação intrínseca, entre a história e tempo presente, Margareth Rago, afirma que

Ter um passado e uma história é uma necessidade dos vivos e, como diria Pierre Nora, traduz o profundo mal-estar do homem contemporâneo diante dos fenômenos de desenraizamento, de desterritorialização, de perda das referências tradicionais que organizavam sua vida. Nesse contexto, o passado é necessário para garantir a construção de nossa identidade, fundando nossas tradições, enraizando-as no tempo e no espaço, definindo nossas raízes. Uma referência histórica, uma garantia psicológica e um porto seguro emocional, a partir da construção de uma linha de continuidade, que nos localizaria no tempo. (1996, p. 14)

Nesse sentindo, ao ter acesso às tiras *Malakabeça*, *Fanika* e *Kabelluda* a (o) discente entrará em contato com visões de mundo que Pagu carregou e poderá reconhecer, por exemplo, se ela transferiu para seus personagens a sua própria vivência e também terá condições de estabelecer uma relação entre o contexto histórico da obra e o seu presente, identificando as possíveis similaridades da narrativa e conteúdo dos quadrinhos com o seu

mundo e consigo mesmo. Ao analisar os quadrinhos, é notório, por exemplo, a necessidade de maior participação política das mulheres, a crítica a desigualdade econômica e a de gênero. Essas são as marcas da militância de Pagu, na década de 1930, que combateu a submissão e passividade que atravessava o feminino de seu tempo. Podendo ser consideradas autobiográficas, suas histórias em quadrinhos, podem dar pistas de uma parte da vivência de Pagu; em seus quadrinhos são evidentes os posicionamentos ideológicos e sua utilização deles enquanto plataforma de muitas denúncias.

Dessa forma, ao perceberem pelos quadrinhos que Pagu buscava pela liberdade de poder ser quem era, pela autonomia e independência das mulheres, as (os) discentes poderão compreender que essa uma luta de quase um século atrás ainda é a luta de muitas mulheres hoje, em pleno século XXI. E é aqui que a (o) docente deve levar à turma a refletir melhor como era a sociedade em Pagu vivia, comparar com a sociedade contemporânea e buscar entender por que passados tantos anos as mulheres ainda precisam afrontar o que é estabelecido pelos ditames sociais de seu tempo para que possam ter autonomia e dignidade.

Assim os quadrinhos possibilitam conhecer, inquietudes, posicionamentos ideológicos e outros aspectos importantes do mundo de Pagu e dela própria. Ao incentivar e estimular os alunos usando a HQ como fonte histórica e as representações de passado que ela pode trazer, o professor abre caminhos à produção de um conhecimento cheio de importância e significação ao aluno. E, além disso, ao estudar

As trajetórias de “Rachel”, de Leolinda Daltro, de Bertha Lutz, de Patrícia Galvão, de Maria Lacerda de Moura, geralmente entendidas como casos isolados, como excepcionalidades, são histórias que podem ser compreendidas, a partir de suas disputas e no conjunto, de modo a revelar a história dos direitos das mulheres no Brasil (FRACCARO, 2018, p. 22).

Além de fontes históricas propriamente ditas, as tiras *Malakabeça*, *Fanika* e *Kabelluda* também podem ser usadas enquanto recurso didático - por exemplo para dialogar com os alunos acerca das temáticas de gênero, desigualdade social, intolerância, cidadania, etc. -, pelo formato simples (tirinhas), podem ser uma introdução à linguagem das HQs e a partir daí, um auxílio aos alunos na produção de material didático, além de favorecer uma série de relações interativas que possibilitem aos estudantes se apropriarem dos saberes, os objetos de ensino e da aprendizagem, valorizando também o conhecimento já construído previamente pelos estudantes. Nesse aspecto, Cerri (2006), aposta que

Entender a linguagem dos quadrinhos, compará-los com outras linguagens, lê-los também de forma prazerosa, produzi-los em sala de aula, individual ou

coletivamente, são apenas algumas das inúmeras possibilidades a serem utilizadas pelo professor de História. Inserir um pouco de bom humor, de leitura-prazer, de ficção, de imaginação, são horizontes a serem ainda muito explorados no espaço escolar. (p. 3452)

Ao considerar a atuação de Pagu relacionada às lutas feministas, se faz importante compreender como se deu o diálogo dela com esse movimento. O feminismo é um movimento social e político que luta pela igualdade entre homens e mulheres e defende ideias e ações de superação da desigualdade de gênero, e sua história, a partir do século XIX, geralmente é descrita por meio de uma periodização em “ondas”:

O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. (PEDRO, 2005, p. 79)

No Brasil, no início do século XX, várias manifestações feministas reivindicando o direito à participação na vida política do país vão surgir. Céli Regina, em *Uma história do feminismo no Brasil* (2003), defende que do fim do século XIX até a década de 30, três vertentes do movimento feminista se destacam: a primeira, mais elitista e liderada por Bertha Lutz, não trouxe pretensões de mudanças mais estruturais na sociedade, ou seja, “sem mexer com a posição do homem, as mulheres lutavam para ser incluídas como cidadãs. Esta parece ser a face bem-comportada do feminismo brasileiro do período” (p. 15); a segunda, mais heterogênea quanto à formação, “feminismo difuso” da época, vai defender além da participação política feminina, o direito à educação; e a terceira vertente que a autora chama de “o menos comportado dos feminismos” (p.15), se manifesta especificamente no movimento anarquista e no Partido Comunista, tendo como precursora Maria Lacerda de Moura.

E qual foi o lugar de Pagu nesse panorama do feminismo brasileiro do início do século XX? De forma bem elementar, podem ser suscitados alguns pontos razoáveis. Pagu inseriu em seus quadrinhos uma mulher como protagonista. Kabelluda é uma personagem que está à frente de seu tempo; ela é contestadora, revolucionária e emancipada. Há, portanto, uma ênfase às questões feministas e essas tiras, inclusive, são consideradas os primeiros quadrinhos feministas no Brasil, até então. No entanto, ainda que ligada a pautas feministas importantes, na primeira metade do século XX, Pagu não se identificou com nenhuma das

duas principais correntes do movimento feminista de sua época – a elitista, ligado à Bertha Lutz e a crítica anarquista, de Maria Moura.

[...] Pagu sempre criticou o feminismo burguês e elitista, o feminismo que não considerava as mulheres de classe baixa que não tinham acesso às discussões altamente intelectualizadas e desinteressadas nas demais demandas que perpassam a opressão das mulheres (FERRARA, 2017, p.17)

Desta feita, pode-se considerar que das três correntes do movimento feminista citadas, o posicionamento de Pagu declarado nos quadrinhos e em outras produções suas, fica mais próximo ao chamado "feminismo difuso", formado por

mulheres cultas, com vidas públicas excepcionais, na grande maioria professoras, escritoras e jornalistas. Preocupadas ou não com os diretos políticos, essas mulheres têm um campo mais vasto de questões, defendem a educação da mulher e falam em dominação dos homens e no interesse deles em deixar a mulher fora do mundo público. Em seus textos, tocam em temas delicados para a época, como sexualidade e divórcio (PINTO, 2003, p.15)

Patrícia, portanto, pode ser considerada uma das mulheres mais polêmicas na história do feminismo do Brasil de meados do século XX, que fugia à rótulos e combatia os modelos a serem seguidos por meio de imposições. Foi livre e lutou pela liberdade de mulheres que precisavam acordar do sono profundo do patriarcado e conservadorismo da sociedade brasileira das primeiras décadas do século passado.

Sobre gênero, Joan Scott (1995), no seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, defende o uso desse conceito como uma categoria histórica e analítica que dá sentido ao conjunto de atribuições culturais e relações sociais construídas com base nas diferenças percebidas entre os sexos masculino e feminino e que as mudanças na organização dessas relações sociais correspondem a modificações nas representações de poder. E mesmo que o gênero não seja o único lugar onde o poder constitua sentido, ele acaba sendo o meio mais utilizado para dar eficácia a sua significação tradições judaico-cristã e islâmicas. E desse modo acaba sendo utilizado designar um universo que vai muito mais além de uma identidade individual e

pode também servir para interpretar e estabelecer significados que não têm relação direta com o corpo, a sexualidade, nem as relações entre homem e mulher, categorizando, em termos de masculino e feminino, as mais diversas relações e alteridades da natureza e da sociedade, conforme cada compreensão cultural e histórica (CARVALHO, 2012, p.405)

Ainda que possa não haver tanta novidade assim em compreender que masculino e feminino não são categorias fixas e muito menos seriam as atribuições sociais que cada um tem ou teve ao longo do tempo nas mais diversas sociedades, o que ainda se vivencia são relações de gênero bem desiguais, hierarquizadas, nas quais o direito à igualdade e o respeito à diferença estão bem longe de serem uma realidade concreta. E, por isso, mesmo diante de muitos avanços na luta pela igualdade de gênero, trabalhar a temática do feminismo em sala de aula se faz muito importante, tendo em vista o machismo e as violências ainda existentes nos mais variados âmbitos sociais, inclusive no ambiente escolar. O que se percebe é que desigualdades entre homens e mulheres e os preconceitos também são reproduzidos na escola, portanto,

[...] é necessário pensar que pesquisas estamos fazendo na História. Estamos usando esta disciplina para reforçar a heterossexualidade ao considerá-la como a norma? Como estamos observando os discursos da constituição do Estado? O que é generificado nestes discursos? Quais relações são feminilizadas e quais masculinizadas? Ao observarmos, como profissionais da História, as práticas que ensejam a divisão sexual do trabalho, dos espaços, das formas de sociabilidade, bem como a maneira como a escola, os jornais, a literatura, enfim, os diferentes meios de comunicação e divulgação constituem as diferenças reforçando e instituindo os gêneros, estamos escrevendo uma história que questiona as “verdades” sedimentadas, contribuindo para uma existência menos excludente. (PEDRO, 2005, p.92).

A partir das tirinhas de Pagu, pode ser estabelecido um diálogo com os alunos acerca das temáticas de gênero, desigualdade social, intolerância, cidadania, entre outros, e assim, ao usar as HQs nesse processo pedagógico, um interesse novo para o aprendizado e construção do conhecimento histórico pode surgir e com ele novos caminhos à produção de um conhecimento cheio de importância e que auxilie na transformação social a qual tanto precisamos.

Portanto, o diálogo baseado base no tripé discursivo envolvendo as HQs, o feminismo e Pagu, contribui também para a valorização e reconhecimento das mulheres que resistiram, lutaram e deram muito de si para que todas pudessem ter suas vidas respeitadas e direitos básicos reconhecidos e que, hoje, injustamente ainda têm suas trajetórias silenciadas. Margareth Rago, uma importante referência brasileira no estudo do Movimento Feminista, levanta a discussão acerca da invisibilidade de tantas trajetórias femininas, as motivações e as consequências disso para a sociedade atual:

Deve-se perguntar, então, a que vem a perpetuação desse estigma sobre mulheres que lutam e lutaram por outras mulheres, que se empenham pela melhoria da condição feminina, que dão visibilidade a questões radicalmente novas, que propõem outras alternativas para o pensamento e que, sem dúvida alguma, ajudam a construir um mundo novo e muito mais saudável também para os homens? E mais, o que a utilização desse estigma nos informa sobre o lugar do feminino em nossa cultura e sobre a relação que se mantém com o diferente? A reflexão sobre essas questões nos ajuda a perceber como a sociedade reage ante a ideia de que as mulheres passem a se pensar com autonomia, como podendo figurar por conta própria na História, recusando-se a girar, como auxiliares ou sombras, em torno dos homens (RAGO, 2001, p.59).

Desta maneira, falar sobre Patrícia Galvão e trazer parte de sua militância na década de 1930 para este estudo, visa estimular, pela perspectiva do gênero e estudos feministas, o desenvolvimento da consciência histórica promotora da cidadania que respeite as diferenças e combata, “a cidadania atrelada ao civismo cego e aos valores tradicionais [que] não propiciam a construção de atitudes de respeito e tolerância na cultura escolar, ao contrário, ajuda a promover e perpetuar exclusões” (MEDEIROS; REGIANI, 2020, p. 483). E só se faz isso questionando e condenando esses papéis sociais destinados às mulheres que só reforçam o preconceito, a violência, a desigualdade social, por isso, a escola tem a obrigação de ser mais um espaço de discussão e reflexão sobre as desigualdades de gênero.

CAPÍTULO 2 - As Histórias em Quadrinhos: história, tipos e elementos principais

1 - Da rejeição à utilização em sala de aula

As HQs se tornaram um fenômeno entre os meios de comunicação de massa no século XX, atingindo uma escala quase global. No campo da educação, a sua contínua inserção no contexto escolar, nas últimas décadas, sinaliza a importância que as Histórias em Quadrinhos apresentam no dia a dia de salas de aulas do ensino básico, por constituírem uma boa alternativa à construção de um aprendizado mais significativo e prazeroso, despertando e/ou fortalecendo o potencial criativo dos alunos e alunas. Mas, apesar desse reconhecimento atual, em que os quadrinhos são recomendados até mesmo na legislação educacional, engana-se quem acredita que eles conquistaram seu espaço – na indústria cultural e/ou no campo da educação – de maneira linear e sem retrocessos.

A crescente popularidade das HQs nas primeiras décadas do século, principalmente com os quadrinhos de histórias de super-heróis, bem como o seu potencial educativo – que começou a ser explorado ainda nos anos 1940 (VERGUEIRO, 2012, p. 17) – sofreram uma reviravolta a partir dos anos de 1950, especialmente após a publicação do livro *A sedução dos Inocentes* (1954) de Fredric Wertham (1895-1981). Essa obra apresentou um estudo sobre a relação entre a leitura das histórias em quadrinhos e a violência e criminalidade entre jovens nos Estados Unidos. Logo, não tardou para que as pesquisas de Wertham, psiquiatra-chefe de um hospital psiquiátrico conceituado em Nova York, se tornassem referência para boa parte da opinião pública da época condenar muitos gêneros de HQs (como suspense, terror, entre outros) pois, de acordo com os dados apresentados pelo psiquiatra, essas produções trariam prejuízos ao comportamento juvenil, porque seriam elas as responsáveis pelo aumento da onda de violência e rebeldia entre os jovens, levando-os à criminalidade e homossexualidade.

Como consequência dessa perseguição que se instaurou aos quadrinhos, foi criado nos Estados Unidos um “Código de Ética” que estabeleceu normas para as produções de quadrinhos às quais precisavam ser atendidas pelas editoras para que suas publicações pudessem ganhar um selo de aprovação e, a partir de então, é que seriam publicadas. Essa noção preconceituosa dispensada às HQs se estendeu a outros países, como o Brasil que também adotou um “Código de Ética dos Quadrinhos”, parecido com o modelo estadunidense. Toda essa rejeição acabou relegando muitas produções quadrinísticas à categoria de subliteratura.

Essa onda de rejeição aos quadrinhos chegou ao ambiente escolar, alegando que as HQs trariam prejuízo ao aprendizado de crianças e adolescentes e sua leitura poderia gerar até o embotamento do raciocínio lógico, a dificuldade para a apreensão de ideias abstratas e o mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores (RAMA; VERGUEIRO, 2010, p.16).

Nesse sentido, professores e outros profissionais da educação enxergavam os quadrinhos como leituras sem importância, superficiais, que apenas distraiam e tiravam o foco dos discentes. Dessa maneira, para além da visão equivocada de que os trariam prejuízos psicológicos e comportamentais apontados nos estudos de Wertham, os quadrinhos passaram a ser desprestigiados e desvalorizados pela comunidade escolar, a qual deveria evitá-los, pois poderiam afetar o rendimento escolar dos alunos e alunas, como aponta Ramos:

As ideias de Wertham tiveram eco no Brasil. Instaurou-se o que Gonçalo Júnior (2004) chamou de ‘guerra dos gibis’, uma espécie de cruzada contra as revistas em quadrinhos infantis e juvenis, protagonizada por diferentes segmentos. Um deles era a escola e as pessoas que a pensavam e que formalizavam políticas de ensino. Já na década de 1950, começaram a surgir registros desse pensamento, refletido na concepção de que histórias com imagens afastariam a criança da “boa leitura” e que os quadrinhos tornariam a juventude com “preguiça mental” (2015, p. 434).

Mas, apesar de todo esse movimento que colocou os quadrinhos em um mundo marginalizado e das barreiras e resistências advindas desse cenário, a partir da década de 1980, se testemunhou a reversão desse quadro e com o desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, houve uma espécie de “redescobrimto” das histórias em quadrinhos e muito dos preconceitos e ideias equivocadas que foram empecilhos ao seu consumo nos anos anteriores, foram ultrapassados e anulados (VERGUEIRO 2012, p. 17). Com isso, as HQs passaram por um processo de reavaliação e aos poucos foram sendo reconduzidas ao rol de leituras dinâmicas e atraentes para públicos diversos. No ambiente escolar, a aceitação e incorporação desse recurso concentrou-se, em especial, no final do século XX.

Ao analisar o caminho das HQS nas salas de aulas em nosso país, Waldomiro Vergueiro, um dos mais importantes estudiosos das histórias em quadrinhos no Brasil, aponta a existência de três momentos:

Na rejeição, os quadrinhos não eram tolerados na sala de aula. Qualquer aluno que levasse uma revista para a sala de aula corria o risco de vê-la arrancada de suas mãos, ser chamado à diretoria [...], nenhum professor ousava falar em quadrinhos em sala de aula, pois elas eram algo proibido. Na

infiltração, [...] professores mais propositivos reconhecem o potencial da linguagem da Nona Arte, familiarizam-se com seus produtos e desenvolvem atividades em sala de aula, abordando temas diversos. [...] Aos poucos, seu trabalho criou raízes, proliferou, e as autoridades educacionais passaram a ter outra visão das possibilidades e benefícios da utilização dos quadrinhos em sala de aula. Finalmente, na inclusão, que agora vivemos, as HQs já são consideradas como elemento constituinte do processo didático (2018, p.10).

A atual fase da inclusão dos quadrinhos, apontada por Vergueiro, nos espaços escolares e do reconhecimento de sua importância para a formação de crianças e jovens leitores, está relacionada, em grande medida, à implementação de várias políticas públicas de incentivo à leitura e valorização da educação. Entre elas, está a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, que embora não citando diretamente as histórias em quadrinhos, ressaltou, em seu artigo 35, a importância para os alunos, do “conhecimento das formas contemporâneas de linguagem”, incentivando assim a inclusão de gêneros, linguagens e manifestações culturais e artísticas diversificadas no ensino básico.

Contudo, foi a partir de 1997, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – documentos norteadores oficiais para a elaboração de práticas pedagógicas e currículos das escolas no Brasil – em que as HQs foram explicitamente citadas como recurso interdisciplinar e transversal a ser trabalhado em sala de aula na “prática de escuta e leitura de textos”, no PCN de Língua Portuguesa, com destaque para as charges e tiras. No PCN de Artes, também está presente a importância de os estudantes desenvolverem competências para a leitura de quadrinhos.

Por sua vez, as Orientações Curriculares Nacionais para o ensino médio (OCNem), já em 2006, também mencionaram os quadrinhos, indicando-os como textos de leitura e compreensão mais complexas, considerando-os também como uma forma de arte e como reflexo da cultura dos jovens. Esse documento aponta ainda que o estudo das HQs pode, além de ajudar os estudantes a melhorarem a leitura, também auxiliá-lo na apreciação de outras artes (VERGUEIRO, 2010, p. 13).

No entanto, mesmo com alguns avanços dessas leis supracitadas, ainda faltavam medidas práticas que pudessem impactar de maneira mais significativa a divulgação e circulação dos quadrinhos no Brasil. Foi então em 2006, com o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que, entre outras funções, fomentou a ampliação dos acervos de obras paradidáticas nas bibliotecas de escolas públicas de todo o Brasil, incluiu em seus editais de seleção a categoria específica de História em Quadrinhos, o que incentivou a produção,

distribuição e promoção de HQs em ambiente escolar, como aponta Marcelo Fronza ao afirmar que

Além disso, a produção de quadrinhos paradidáticos nesse país é crescente e é, de certa forma, financiada indiretamente em parte pela distribuição de narrativas gráficas a todas as escolas públicas brasileiras por meio Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) do Ministério da Educação a partir da década de 2000 (2012, p. 1)

Já mais recentemente, em 2017, com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o entendimento sobre a importância do uso dos quadrinhos no ensino é reforçado. Eles são inseridos nos componentes curriculares como um dos vários gêneros artístico-literários que compõem a área de linguagens, códigos e suas tecnologias, envolvendo as práticas de linguagem de leitura, escrita e análise linguística, relacionando-as com características de humor, imagens, palavras e recursos gráficos.

As HQs, portanto, vêm cada vez mais se tornando presentes nos acervos de escolas brasileiras: nos livros didáticos, como apoio para textos e atividades – as charges, cartuns e as tiras são os tipos mais usados – e nos paradidáticos, principalmente, com as famigeradas adaptações dos clássicos literários. Além disso, atualmente, os quadrinhos são também muito utilizados como apoio para questões objetivas e discursivas em provas de concurso público, vestibulares, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), etc. Por outro lado, é importante destacar que a maior parte desses usos das HQs, ainda fica mais circunscrito a uma visão secundária e de apoio, do que central propriamente dita. Nesse sentido, o professor Vinícius Rodrigues, destaca que

A listagem do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2013 evidencia, portanto, o traço mais marcante da postura pedagógica em relação ao uso das HQs em sala de aula: a ênfase na ideia da adaptação. Como já vimos, a leitura da adaptação literária não seria de todo mal se, em primeiro lugar, não fosse a única forma com a qual grande parte dos educandos acaba se deparando com a narrativa gráfica na sala de aula; não seria igualmente problemática se fossem trabalhados, de fato, os elementos particulares dos quadrinhos nesse processo, no sentido de perceber a produtividade da linguagem na qual a obra-fonte encontra um novo espaço; não seria ruim se não fosse, também, a percepção de que aquilo que mais vale nessa prática de leitura é, tão somente, o conhecimento da história em questão, sendo assim, o objeto que se quer ver, de fato, passa a ser a literatura, não os quadrinhos. (2013, p. 121).

Ainda assim, com todos esses percalços e avanços citados, sobre as HQs fora e dentro da sala de aula, hoje é de fácil compreensão que os quadrinhos podem ser aliados para um ensino mais dinâmico e interessante ao olhar do aluno e o seu uso no ensino de história já não pode considerado uma novidade, pois várias produções acadêmicas tem abordado a temática

nos últimos anos, o que potencializou as discussões sobre sua utilização no âmbito da educação. Como aponta o professor Douglas Lima (2017), “desde os anos 1980, as análises relativas aos quadrinhos e ao saber histórico têm se ampliado no Brasil, merecendo destaque os trabalhos de Zélia Lopes da Silva, Marco Aurélio Pereira, Sônia Bide Luyten, Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (p. 147)”, bem como as pesquisas de Ivan Lima Gomes, Túlio Vilela e Marcelo Fronza, dentre tantos outros pesquisadores que vêm se debruçando nos estudos sobre as potencialidades da utilização das HQs em sala de aula, para fins pedagógicos/ metodológicos e/ou pesquisa histórica.

2- HQs como hipergênero

Em virtude de suas características variadas e particularidades, formas e temas diversos, as HQs são motivos de muitos debates, principalmente quando se pretende classificá-las e/ou defini-las. Baseando-se em estudos e análises de quadrinhos feitas por Paulo Ramos (2009; 2018; 2020), adota-se neste estudo a linha teórica que classifica os quadrinhos como hipergênero, compartilhando assim a visão de que as histórias em quadrinhos abarcam uma diversidade de gêneros, nomeados de diferentes maneiras, mas unidos por apresentarem algumas características iguais, em menor ou maior grau, como por exemplo, os cartuns, charges, as tirinhas (ou tiras), etc., cada um com suas particularidades e elementos em comum.

Todos esses gêneros teriam em comum o uso da linguagem dos quadrinhos para compor um texto narrativo dentro de um contexto sociolinguístico interacional. Por essa definição, caricatura e ilustração, por não constituírem narrativas, não são vistas como gêneros dos quadrinhos. Quadrinhos seriam, então, um grande rótulo, um hipergênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades (RAMOS, 2020 p. 20).

Assim, as tirinhas, as charges e cartuns, por usarem os elementos das Histórias em Quadrinhos, como as linguagens verbal e icônica, e elementos que as constituem numa narrativa, também podem ser considerados tipos de quadrinhos. Dessa maneira, sendo esse grande “rótulo”, onde cabem esses e outros tantos gêneros, e por sua presença cada vez mais constante nos materiais didáticos, paradidáticos e em provas de vestibulares, as (os) professoras/ professores podem ter uma facilidade maior em trabalhar com os quadrinhos em sala de aula pela familiaridade que eles podem apresentar. E de forma a compreender melhor alguns desses gêneros em quadrinhos e suas demonstrações mais comuns, serão expostos a seguir, as principais características de cada um deles.

A tira é um dos tipos mais conhecidos no universo das HQs, graças as suas publicações em jornais. Apresenta, geralmente, um formato horizontal e dividido entre dois a cinco quadros. É, portanto, uma história em quadrinhos curta, com temáticas de humor, drama ação, etc., e, por isso, acaba recebendo diversos nomes “tira cômica, tira em quadrinhos, tira de quadrinhos, tirinha, tira de jornal, tira diária, tira jornalística.” (RAMOS, 2020, p. 16). Destas, a tira cômica é, certamente, a mais popular. Um exemplo pode ser visto no diálogo abaixo entre Le Fan e Nino, personagens da tira “Mamu & Le Fan”, do quadrinista Digo Freitas, onde o humor vem justamente pelo excesso de mal humor dos personagens, mesmo Le Fan reclamando, no primeiro quadro, que já tem gente mau humorada demais perto deles:

IMAGEM 9: Tira de "Tuco e o Le Fan".



Fonte: <https://digofreitas.com/hq/ml-104-humor/>

Já o cartum é um desenho que traz uma mensagem crítica e bem-humorada sobre situações reais da vida em sociedade, podendo ou não ter palavras. Pode apresentar também diversos recursos dos quadrinhos, como balões, legendas, as onomatopeias, etc., e se mostra como uma forma rápida de levar ao leitor o debate sobre os mais variados temas da atualidade. Retratando assim a realidade social de forma cômica e reflexiva, ainda que pareça com a charge, esse gênero se diferencia por apresentar um caráter atemporal, um humor mais universal, o que facilita a compreensão acerca de sua mensagem em diversos momentos históricos, como pode ser observado no cartum a seguir, que mesmo sendo da década de 1980, se mantém atualíssimo:

IMAGEM 10: Cartum de Henfil.



Fonte: <http://jornalismojunior.com.br/70-anos-de-henfil-os-cartuns-como-forma-de-resistencia/>

Nesse cartum, Graúna, uma das personagens mais conhecidas e críticas criadas pelo cartunista Henfil (1944-1988), aparece várias vezes exprimindo a vontade de ter o poder, individual e coletivamente, como indica o texto dos balões e o enunciado principal: "queremos o poder!". Aqui o autor está chamando a atenção para a importância do despertar de uma consciência política coletiva, pois somente dessa maneira, pelo exercício da vontade do povo, a soberania popular poderia superar os autoritarismos. Ainda que o contexto histórico de produção do cartum tenha sido a Ditadura Militar no Brasil – Henfil viveu o auge de sua carreira nesse período, tendo sido um crítico aos militares, defendendo a redemocratização do país – a mensagem se mantém contemporânea, na medida em que sociedades democráticas tem seus valores e sustentáculos colocados em perigo.

Por sua vez, outro gênero dos quadrinhos bastante conhecido é a charge. Geralmente se apresenta por meio de uma imagem humorística, caricaturada, que tem a finalidade de produzir uma crítica a um acontecimento de relevância na atualidade onde figuras políticas, culturas e costumes envolvidos no fato são satirizados. A charge pode ou não usar palavras, assim como no cartum, mas, diferente deste, precisa de contextualização para ser compreendida. De acordo com Ramos (2020, p. 23), “não estar vinculado a um fato do noticiário é a principal diferença entre a charge e o cartum”; no mais, os dois são muito semelhantes.

IMAGEM 11: Charge "As próximas eleições... 'de cabresto'", publicada na revista Careta, em 1927



Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/criada-ha-90-anos-justica-eleitoral-pos-fim-a-tradicao-de-fraude-nas-votacoes-do-brasil>

Por exemplo, na charge acima, o leitor só entenderá a crítica em questão se ele conhecer um pouco sobre o período da chamada Primeira República (1889-1930), momento onde a corrupção e práticas fraudulentas deturpavam o sentido democrático das relações

políticas e favoreciam um conservadorismo e a exclusão política. O voto era apenas direito dos homens e por não ser secreto, culminava na subordinação de muitos eleitores aos mandatários locais, motivo pelo qual, na obra, o personagem do eleitor é representado por um animal com um cabresto, conduzido pelo político ao qual ele deve obedecer.

No universo das HQs, a revista em quadrinhos também é bastante popular entre os gêneros quadrinísticos e foi por muito tempo o formato mais comum entre as publicações de histórias em quadrinhos. Apresentam diversos tamanhos, temáticas (de super-heróis, humor, infantil, etc) e são facilmente encontradas em bancas de jornal. Já o gênero da novela gráfica (ou *graphic novel*) se assemelha mais a um livro do que à revista, por conter um número de páginas muito maior ao de uma revista em quadrinhos comum, e por apresentar uma narrativa mais densa e sofisticada é mais direcionada ao público de jovens e adultos.

A diversidade de gêneros nas histórias em quadrinhos continua com os mangás, *webcomics*, fotonovelas, *fanzines*, entre outros. No entanto, o objetivo aqui é mostrar as principais tendências e formatos, de modo a favorecer a identificação dos mesmos, facilitando a leitura e domínio básico de algumas características das histórias em quadrinhos e fomentar futuras pesquisas para um aprofundamento maior no estudo dos quadrinhos, principalmente voltado ao trabalho pedagógico.

Para isso, é importante que o (a) docente esteja bem familiarizado (a) com os quadrinhos e sua produção, alguns de seus conceitos e classificações básicas, visto que “ter uma noção clara do que se trata cada gênero, contribui muito para uma leitura mais aprofundada e crítica dos quadrinhos e ajuda na elaboração de práticas pedagógicas na área da educação” (RAMOS, 2009 p. 16). A partir de então o (a) professor (a) terá as condições mínimas para aproveitar as potencialidades das HQs durante suas aulas. Waldomiro Vergueiro (2020), chama o processo de aprendizagem das noções básicas constitutivas das HQs de “alfabetização” na linguagem dos quadrinhos, a qual ele considera indispensável para que os (as) alunos (as) consigam decodificar as mensagens e melhor aproveitar o potencial dos quadrinhos, tendo condições de identificar seus principais gêneros, características e elementos básicos.

3 - HQs: uma “alfabetização” necessária

As histórias em quadrinhos são constituídas de dois elementos básicos: a linguagem textual e a imagética. De maneira indissociável, texto e imagem se interagem e dão origem a uma outra linguagem dinâmica e híbrida, uma forma de narrativa única, própria. Will Eisner,

um dos mais importantes expoentes das HQs, afirma que os quadrinhos são “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (2010, p. 9).

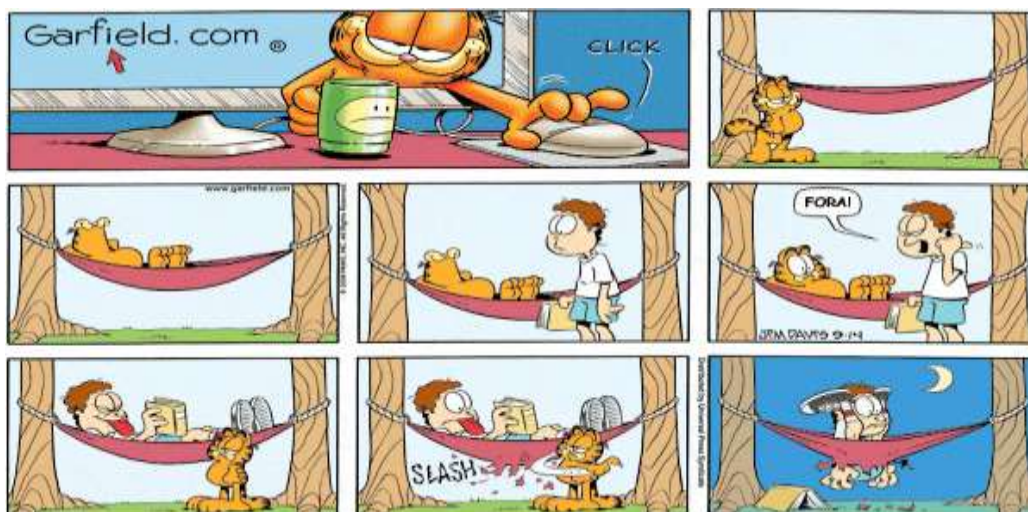
Em consonância com Eisner, Barbara Postema afirma que os quadrinhos constroem uma comunicação e significado, pela sua qualidade pictórica e de narrativa, e afirma que: “os elementos dos quadrinhos são parcialmente pictóricos, parcialmente textuais e, por vezes, um híbrido dos dois” (2018, online). Desse modo, nessa estrutura apresentada pelos quadrinhos, a linguagem é simples e unificada, não havendo separação entre palavra, texto e imagem, como afirma Vergueiro:

A interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados –, mas a criação de um novo nível de comunicação [...] (VERGUEIRO, 2009, p. 22).

É nessa dinâmica própria que os quadrinhos contam uma história, se utilizando também de outros elementos e noções para representar ou expressar comportamentos e assim serem compreendidos pelo (a) leitor (a).

Dentre essas características, tem-se a ordem da leitura, que geralmente acontece da seguinte maneira: os quadrinhos ocidentais são lidos da esquerda para direita, de cima para baixo, enquanto produções orientais, como os mangás japoneses, por exemplo, se lê da direita para a esquerda. E nesse aspecto da leitura o que também é importante salientar é o fato de que os quadrinhos não falam por si só, não trazem seu sentido em si mesmos. A conclusão de sua leitura só acontece se houver a participação do leitor. O leitor é corresponsável pelo andamento da narrativa.

IMAGEM 12: Tira de Garfield



Fonte: <https://tirinhasdogarfield.blogspot.com/2013/02/na-rede.html>

Na tira de Garfield, mesmo sem quase utilizar nenhuma palavra, nota-se o quanto a leitura dos quadrinhos acompanha o sentido do texto escrito, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Não existem, portanto, quadrinhos sem texto e de modo geral as imagens representam ação.

Ao entrar em contato com a narrativa da HQ, o leitor recebe a informação e de uma forma consciente ou não, ele acaba reelaborando-a [...], “e, assim, é preciso que o leitor exerça suas habilidades interpretativas visuais e verbais” (EISNER, 2010, p. 7.), identificando quais elementos compõem a narrativa quadrinística, ainda que muitos desses elementos não sejam fixos e variem em um gênero ou outro, adquirindo ao longo do tempo, diversas transformações no seu enredo, características de produção e distribuição.

Dessa maneira, compreendemos que as histórias em quadrinhos são compostas muitas vezes apenas por imagens, onde o autor faz a narração da história apenas pelas imagens sequenciais, outras vezes juntando as imagens com textos verbais. Esses elementos incluem as imagens dos quadrinhos ou cartoons; as molduras ou quadro que compõem as imagens [...] é a parte importante; assim como os recordatórios, os balões de fala e as próprias palavras, sejam inseridas e recordatórias ou integradas as imagens. (POSTEMA, 2018, online).

Os princípios básicos de uma História em Quadrinhos estão presentes de uma forma ou de outra em quaisquer gêneros dos quadrinhos e têm uma estrutura básica formada por quadro, requadro e sarjeta. Além desses, também serão abordados o balão, a legenda e a onomatopeia.

O quadro

IMAGEM 13: o quadro

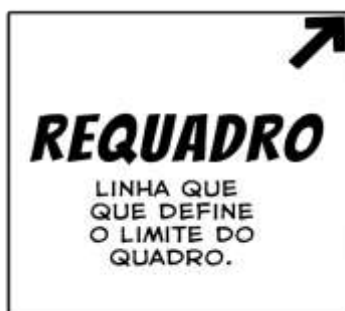


Fonte: <https://nanquim.com.br/quadro-requadro-sarjeta/>

Também conhecido por vinheta, o quadro é a imagem estática e fixa de uma cena, que junto aos demais quadros da obra, dispostos em sequência, formam uma história. É formado pelo conjunto de linhas que delimitam um instante específico ou uma sequência interligada de momentos e pode ter vários formatos e não necessariamente precisam ter apenas ângulos retos, podendo assumir infinitas formas. A ideia de diferentes tempos, na narrativa dos quadrinhos, pode ser mensurada pela seguinte relação: “quanto maior o número de vinhetas para descrever a mesma ação, maior a sensação e o prolongamento do tempo” (RAMOS, 2016, p. 128)

O requadro

IMAGEM 14: O requadro



Fonte: <https://nanquim.com.br/quadro-requadro-sarjeta/>

O requadro é parte essencial da composição das narrativas gráficas, é a moldura do quadro e auxilia na separação das ações, ajudando na compreensão da história. Segundo Eisner (2010, p. 44), “o requadro do quadrinho em si pode ser usado como parte da linguagem ‘não verbal’ da arte sequencial”.

A sarjeta

IMAGEM 15: A sarjeta.



Fonte: <https://nanquim.com.br/quadro-requadro-sarjeta/>

Entre os quadros há um espaço em branco (ou de outra coloração, dependendo da cor de fundo dos quadrinhos), um vão chamado de sarjeta que serve para separar os quadros e delimitar passagem de tempo: se for mais larga passa a ideia de mais tempo e se é mais curta indica uma ação mais rápida. A calha, como também é conhecida a sarjeta, colabora com o leitor no exercício de ligar mentalmente, um quadro ao outro, para completar as cenas e dar unidade e sentido à narrativa sugerida pelas imagens. Como aponta Mccloud, é no “limbo da sarjeta, que a imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma única ideia” (2005, p. 66).

IMAGEM 16: tipos de balões.



Fonte: <http://nerdseotomeuniverse.blogspot.com/2014/08/historias-em-quadrinhos-e-tirinhas.html>

Local que abriga a fala dos personagens, o texto da conversa. Como mostra a imagem do final da página, os balões podem ser desenhados de formas diferentes, para atender à

expressão do sentimento dos personagens, com variações na linha do contorno, o que forma um código de sentido próprio na linguagem dos quadrinhos. No entanto, nem sempre eles precisarão ser usados nas narrativas dos quadrinhos. Os balões ainda apresentam uma espécie de “rabicho”, que aponta para um personagem e indica precisamente ao leitor quem está falando ou pensando.

A linha preta e contínua (reta ou curvilínea) do balão é tida como o modelo mais “neutro”, que serve de referência para os demais casos. Esse molde simula a fala, dita em tom de voz normal. Por isso, convencionou-se chamar de balão de fala ou balão-fala. [...] As linhas tracejadas sugerem voz baixa ou sussurro. A forma de nuvem revela o pensamento ou imaginação da figura representada. O sentido dos traços em zigue-zague varia conforme o contexto situacional. Podem indicar, por exemplo, voz alta, gritos, sons eletrônicos (RAMOS, 2010, p. 36).

O recordatório

Também chamado de legenda, o recordatório é muito utilizado no alto do quadrinho para exibir as falas do narrador, mostrando algo não visível ou usado para ilustrar pensamentos dos personagens. Geralmente, as legendas não são associadas a nenhum personagem específico, apenas fornecem dados. Para Ramos (2010, p. 50), “não é apenas o narrador onisciente que tem direito ao uso da legenda; o narrador-personagem também pode se apropriar do recurso.

A onomatopeia

A onomatopeia é a representação do som de vozes ou ruídos com o objetivo de aumentar a expressividade do discurso; elas se transformam graficamente naquilo que descrevem e são importantes para o desenrolar da história. Nesse sentido, em algumas narrativas a onomatopeia é necessária como, por exemplo, na batida de uma porta: “toc-toc!”, o “tic-tac” do relógio, “blá-blá-blá”, etc.

De acordo com McCloud, as onomatopeias dão a chance ao leitor de “ouvir com os olhos” e podem representar: o volume, por meio do tamanho, espessura, inclinação e pontos de exclamação; o timbre, a qualidade do som, sua aspereza, ondulação, agudeza, imprecisão; a associação, quando os estilos e formas designam ou imitam a fonte do som; a interação gráfica, quando a forma, linha ou cor mesclam-se com a imagem. Esta última, por sinal, é típica dos mangás japoneses, o que faz com que as onomatopeias não sejam na maioria das vezes traduzida. (2008, p. 146-147)

Dessa maneira, as onomatopeias são mais do que uma simples reprodução sonora; elas incrementam a fala, dando mais vivacidade ao discurso, induzindo o leitor a reproduzir mentalmente o som, criando um ambiente de reforço da mensagem dos quadrinhos.

IMAGEM 17: Tira de Nanquim.



Fonte: <https://nanquim.com.br/onomatopeia/>

4 - Os quadrinhos nas pesquisas do ProfHistória

É ainda no domínio das pesquisas acadêmicas que apresentando-se como elemento novo ao debate quanto às potencialidades de se ensinar História por meios das HQs, tem-se as produções dos (das) pesquisadores (as) do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória)³, que abarcam as reflexões acerca do trabalho docente e dos saberes e práticas pedagógicas do cotidiano escolar.

Assim, ao incentivar pesquisas que nasçam das demandas da sala de aula e de outros espaços escolares, o ProfHistória possibilita a fundamentação do trabalho dos (das) docentes em diálogo com a práticas deles (as), e encaminha esses (as) profissionais a estudarem e produzirem materiais didáticos e propostas de intervenção no cotidiano escolar do ensino de História. Além disso, as dissertações defendidas ao final do curso ficam disponíveis para o acesso de outros (as) professores (as), pesquisadores (as) e demais interessados (as), o que colabora para o surgimento de novas pesquisas e a publicidade de trabalhos que sirvam de estímulo para um ensino de História mais prazeroso e significativo, fruto de um processo de ensino-aprendizagem em que os (as) discentes dominem os conteúdos, mas também

3 O ProfHistória é um programa de formação continuada, criado em 2013, destinado a professoras e professores de História que atuam na educação básica. Liderado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é um mestrado que visa a capacitação profissional docente e apresenta caráter diferente do mestrado acadêmico pois a pesquisa e a produção de conhecimento devem se dar no campo da prática, no “chão da escola”, objetivando assim a formação de profissionais qualificados em seus contextos de atuação. O ProfHistória é desenvolvido em rede nacional e atualmente conta com a participação de trinta e nove instituições de ensino superior associadas.

compreendam o seu lugar como cidadãos (ãs) que conscientemente podem transformar a sociedade em que estão inseridos (as). Desse modo,

As pesquisas desenvolvidas no âmbito do ProfHistória, desde a sua criação, [...], vêm apontando para a potência criativa, criadora e transformadora de investigações desenvolvidas por professores da educação básica em seus contextos de atuação profissional e que são parte de uma política de formação que já alcançou quase 2.000 professores de História que ingressaram no curso, nas diferentes instituições de todo o país, até 2020. Essas investigações vêm também impactando diversos outros sujeitos e espaços escolares e não escolares, mobilizando saberes plurais e diversos, entretidos a partir das demandas da história escolar em múltiplos contextos educativos no mundo contemporâneo, ancoradas nas demandas sociais e urgências do tempo presente (PAIM, 2021, p. 13).

Tendo em vista a natureza do ProfHistória de fomentar pesquisas que busquem encaminhamentos e/ou intervenções no campo das problemáticas apresentadas, a partir do olhar e da experiência do (da) professor (a) que pesquisa, pode-se verificar o quanto os quadrinhos vêm sendo pesquisados por profissionais que atuam diretamente no ensino básico. Como este trabalho se insere justamente no contexto de pesquisa dos quadrinhos em sala de aula, é importante ressaltar que antes de se pensar esta pesquisa – que articula reflexões acerca das potencialidades de se ensinar História, a partir de temáticas trazidas pelos quadrinhos de Pagu da década de 1930 e que se mantêm superatuais – outros debates que atravessam o ensino de História foram desenvolvidos com base nessa relação das HQs, sala de aula e conhecimento histórico.

É possível encontrar no banco de dissertações do site oficial do ProfHistória⁴, ao menos dez pesquisas⁵ envolvendo diretamente os quadrinhos. Pode parecer pouco,

4 O banco de dissertações do ProfHistória está disponível no site da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no seguinte endereço eletrônico: https://profhistoria.ufrj.br/banco_tese. Nessa plataforma está a maior quantidade de dissertações do programa, com produções acadêmicas das várias universidades conveniadas a esse programa de mestrado. Esse banco tem um mecanismo de busca bem prático e funcional.

5 Ao acessar o banco de dissertações do ProfHistória (vide nota de rodapé anterior), escolher a categoria “resumo” e buscar por “quadrinhos” serão encontrados os seguintes trabalhos (aqui organizados por ano):

“**Para ler a Mônica**: reflexões sobre quadrinhos, indústria cultural e ensino de história” (Fabio Aquino de Almeida, 2017);

“**Das HQs à imaginação histórica**: reflexões para o Ensino de História” (Mateus Bertolino, 2018);

“**História, narrativa gráfica e a ditadura militar em Belém**: presente, passado e futuro pela ótica da arte sequencial” (Plínio Sá de Araújo, 2019);

“**História nos quadrinhos**: o uso de narrativas gráficas nas aulas de História” (Priscilla Damasceno Rodrigues, 2020);

“**Aprendizagem histórica e o ensino de história por meio das histórias em quadrinhos**” (Cícero Soares Varela, 2020);

“**As tiras de Calvin & Hobbes**: possibilidades para o ensino de História na educação básica” (Sarita Souza dos Santos, 2020);

“**Leitura da HQ Angola Janga no ensino de história**: uma reflexão sobre o racismo e a escravidão” (Evandro José Braga, 2020);

considerando o universo de 457 trabalhos disponíveis nessa plataforma, mas cada uma desses estudos traz muitos dados, referências, experiências e exemplos de ações e reflexões que podem servir de mote e inspiração para futuros trabalhos e, dessa forma, ampliar cada vez mais a discussão sobre a utilização das HQs no aprendizado histórico. É importante acrescentar também que, evidentemente, podem haver muito mais pesquisas desenvolvidas no âmbito do Mestrado Profissional de História envolvendo esse objeto de pesquisa, arquivadas em outros repositórios universitários. E assim, de modo a reiterar a proposta desta pesquisa, no contexto do programa, buscar-se-á trazer pontos importantes de algumas dessas dissertações.

Começando pela dissertação “Leitura da HQ Angola Janga no ensino de história: uma reflexão sobre o racismo e a escravidão”, de Evandro José Braga (2020). Este trabalho é desenvolvido com base na HQ Angola Janga, de Marcelo D’Saete, que trata da história do Quilombo dos Palmares e de Zumbi. Evandro propõe práticas pedagógicas que envolvam a utilização dos quadrinhos na educação, com base nos teóricos Dermeval Saviani, a de István Mészáros e Allan da Rosa. Como produto final, ele apresenta formas de se trabalhar com Angola Janga na sala de aula, como por exemplo, uma roda de leitura na escola ou em um espaço cultural, de modo a promover discussões acerca do racismo estrutural e a hegemonia racista no Brasil, relacionando-os historicamente à escravidão no Brasil Colonial e o sistema escravocrata.

Para Braga, a leitura conjunta de Angola Janja com os educandos é uma forma de o docente permitir o compartilhamento dos sentimentos e impressões dos estudantes vislumbrando um diálogo mais amplo com o conteúdo. E com a mediação do professor, a culminância desses momentos, seria a produção de uma narrativa pelos discentes, uma narrativa em quadrinhos, um *podcast*, uma pintura ou um texto, que serviriam inclusive como avaliação de aprendizagem. Não houve um direcionamento indicando em quais séries esse trabalho poderia ser desenvolvido, mas supõe-se que, feita as devidas adaptações, em qualquer etapa da educação básica. Essa dissertação reitera como é fundamental ao professor conhecer e dominar a linguagem dos quadrinhos, a metodologia historiográfica e pedagógica a ser trabalhada na pesquisa.

“Quadrinhos no ensino de história: uma experiência para a discussão de racismo na educação básica” (Elenn Cleidiane do Socorro Chaves Leal, 2020);

“A Guerra da Tríplice Aliança nos livros didáticos de história brasileiros e paraguaios: a Retirada da Laguna retratada em HQs (Cleber de Araújo Arantes, 2021); e

“Trabalhador ou malandro? Usando o personagem Zé Carioca para entender a construção do trabalhismo no Estado Novo” (Carlos José de Serpa Velloso, 2021).

O trabalho de Evandro se destaca, portanto, entre outros pontos, por mostrar caminhos sobre de que maneira lidar com temas como o racismo em sala de aula, e trabalhar a história e a cultura africanas e afro-brasileiras, proporcionando o desenvolvimento de um currículo mais próximo da realidade de muitos alunos e alunas, utilizando a estratégia dos quadrinhos para essa aproximação e apropriação dos temas levantados.

A dissertação “Trabalhador ou malandro? Usando o personagem Zé Carioca para entender a construção do trabalhismo no Estado Novo”, de Carlos Velloso. Esta dissertação trabalhou com o personagem Zé Carioca para compreender as bases que conduziram a construção do trabalhismo durante o Estado Novo (1937- 1945). O autor produziu histórias em quadrinhos com esse personagem, destacando algumas de suas principais características, como a malandragem e aversão ao trabalho.

Essas produções foram trabalhadas com alunos e alunas de uma turma de 9º ano do ensino fundamental com o objetivo de construir junto com os (as) discentes, conceitos caros desse período histórico em questão, como o trabalhismo, utilizando também para isso o modelo do trabalhador do regime autoritário de Vargas, totalmente avesso ao personagem dos quadrinhos. Para então compreender como se deram as relações entre governo e trabalhadores no Estado Novo justamente dentro da perspectiva do trabalhismo, Velloso apresentou algumas sugestões de como usar esses quadrinhos nas aulas de História.

Além disso, outra intervenção do trabalho foi a leitura conjunta das primeiras histórias em forma de tirinhas ou quadrinhos, publicadas nos EUA no início da década de 1940. O objetivo foi possibilitar aos discentes estabelecer uma comparação entre o Zé Carioca desses quadrinhos e perceber se o personagem é ou não representado da mesma maneira que eles/elas apreenderam até então, com os materiais apresentados anteriormente.

Velloso defendeu ainda a utilização da narrativa gráfica, justamente por ela permitir a apresentação de conceitos e conteúdos com formato e linguagens mais acessíveis aos (às) estudantes. Ademais, seu trabalho favoreceu pontos significativos de reflexão entre os alunos e alunas, a partir da relação com o período histórico estudado e a realidade contemporânea dos trabalhadores brasileiros que vivem num contexto atual de perda de direitos trabalhistas e da precarização do emprego.

E, por último, destaca-se a produção de Sarita Souza dos Santos: “As tiras de Calvin & Hobbes: possibilidades para o ensino de História na educação básica”. Esta dissertação tem por objetivo verificar de que forma as tirinhas de Calvin & Hobbes podem contribuir, enquanto recurso didático, na construção do saber histórico na educação básica, mostrando-se como uma alternativa facilitadora no processo de ensino-aprendizagem. Para a construção

desse trabalho, Sarita estabeleceu diálogos com vários pesquisadores dos quadrinhos, como Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos, e intelectuais como Michel Foucault, Paul Ricoeur e Jörn Rüsen.

Ao longo da dissertação, a autora constrói os diálogos com autores que pavimentam seu trabalho ao passo que já apresenta as potencialidades de algumas tiras para a utilização em sala de aula. Ao final do trabalho, nos apêndices, a autora entrega aos professores e professoras de história um material bem organizado e sistematizado com mais possibilidades de utilização de algumas das tiras já apresentadas no corpo da dissertação. Aqui, Santos apresenta uma tira, conecta-a algum conteúdo do livro didático, apresenta uma sugestão de atividade e as habilidades e competências almejadas. Um material muito rico, com indicações de atividades com as HQs de Calvin & Hobbes, envolvendo os mais variados conteúdos de História da educação básica e relacionando-as à Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nesse último trabalho do ProfHistória analisado, o foco maior das sugestões de atividades foi voltado aos (às) discentes do Ensino Médio, tendo em vista o desinteresse que muitos apresentam em estudar determinados assuntos, com aulas expositivas e leitura de textos extensos. Dessa maneira, os quadrinhos acabam se tornando uma estratégia para atrair esse aluno e essa aluna para a discussão e colaborar para que ele/ela se sinta parte e artífice da construção desse conhecimento escolar.

Este capítulo trouxe pontos muito importantes de análise das HQs que poderão ser muito úteis aos professores e professoras interessados em inserir esse recurso em suas aulas. Hoje, um fenômeno entre os meios de comunicação e cada vez mais presentes nas bibliotecas e sala de aulas no Brasil, as Histórias em Quadrinhos chegaram a ser censuradas no passado por conta de alguns preconceitos e ideias errôneas dispensadas a elas. Aliás, episódios recentes de censura, infelizmente, ainda acontecem com produções quadrinísticas no Brasil e no mundo. As mudanças e as permanências na história vão ressignificando as motivações patentes ou veladas de perseguição às HQs, mas também sendo luz ao entendimento das circunstâncias do presente. Por outro lado, isso não parece afetar a produção de HQs, bem como as pesquisas acadêmicas voltadas a sua história, seu potencial comunicativo, educativo, etc., que só vêm aumentando nos últimos anos.

Além disso, essa parte do trabalho veio para construir uma pavimentação mínima no caminho docente em busca de aprendizado sobre os quadrinhos. Sabe-se que no contexto escolar a importância dos quadrinhos por constituírem uma boa alternativa à construção de um aprendizado mais significativo e prazeroso para as alunas e alunos, só tem possibilidades de ser efetivada se o (a) docente compreender parte da história das HQs e se instrumentalizar

das noções básicas no que diz respeito aos seus elementos constituintes, bem como da amplitude das suas classificações. Dessa maneira, o (a) professor (a) poderá apresentar a simplicidade e também os detalhes mais sofisticados da linguagem quadrinística e ter autonomia para escolher que caminho seguir.

Ademais, tudo que foi feito até aqui, desde o primeiro capítulo, servirá sobremaneira para a construção do produto final deste trabalho, que contemplará os registros das sequências didáticas desenvolvidas para a aplicação em uma turma de 9º ano do ensino fundamental, envolvendo as tiras de Pagu e sua historicidade, a análise dessas HQs no contexto do feminismo no Brasil e o estudo do gênero em sala de aula. Destarte, a ideia é que as sequências didáticas a serem elaboradas possam instrumentalizar docentes em busca de um ensino mais dinâmico e significativo para os/as estudantes, que poderão por meio das HQs e a contribuição de Pagu, compreender a importância do movimento feminista brasileiro das primeiras décadas do século XX e mais ainda conscientizar-se sobre a importância de combater as desigualdades e outros preconceitos entre homens e mulheres que ainda perduram e que, também, são reproduzidos no ambiente escolar.

CAPÍTULO 3 - As sequências didáticas no Ensino de História e o uso das HQs

1 - A sequência didática: definição, estruturação e organização

Acompanhando muitas das ideias e propostas contempladas nas produções acadêmicas do Mestrado Profissional de História apontadas há pouco e de outros tantos trabalhos de pesquisadores das HQs que buscam a construção do ensino-aprendizagem mais dinâmico, reflexivo e significativo, foi que a proposta de intervenção desta pesquisa foi pensada e será apresentada neste terceiro capítulo. O propósito principal desta parte da dissertação, perfazendo o produto final deste trabalho, é a proposição de uma sequência didática (SD) voltada ao 9º ano, como estratégia de apoio e pesquisa para os docentes que se interessam em levar a temática das HQs produzidas por Pagu, do feminismo e o estudo de gênero para as aulas de história.

De antemão, se faz importante, apresentar de maneira mais conceitual este produto, bem como algumas considerações sobre sua concepção e dinâmica de aplicação, e, assim, compreender o que é uma sequência didática (SD) e os pressupostos básicos de como elaborá-la. Esse procedimento metodológico vem sendo bastante utilizado em várias áreas do conhecimento, presentes em planejamentos docentes, recomendados em livros didáticos e sugeridos em orientações pedagógicas, apresentando-se com diferentes modelos e definições.

Durante a investigação bibliográfica sobre esse tema, muitos exemplos de SD foram encontrados e foi possível identificar muita similaridade entre eles. Buscou-se uma definição de sequência didática que melhor pudesse facilitar o desenvolvimento desta pesquisa, na fase de aplicação do estudo apresentado. A escolha, portanto, desse procedimento metodológico envolvendo a construção de uma SD é por acreditar no potencial que um conjunto de atividades articuladas e interligadas ao longo de algumas aulas pode ter, quando se busca o desenvolvimento de uma experiência menos circunscrita à lógica conteudista e curricular e mais voltada à discussão e constituição de uma trajetória de aprendizagem em que a (o) discente, compreendendo o seu lugar nesse processo, percebe o seu potencial em também construir conhecimentos. E assim, chegou-se aos estudos desenvolvidos por Antoni Zabala, catalão e referência internacional em pedagogia e educação, autor de estudos envolvendo a prática educativa e instrumentos facilitadores do processo ensino-aprendizagem.

Zabala, no livro “Prática educativa: como ensinar”, de 1998, (edição de *Kindle* de 2014) defende a SD como um “conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos

tanto pelos professores como pelos alunos” (2014, online). Ele aponta alguns critérios para a construção, desenvolvimento e avaliação de uma SD, considerando-a como um recurso pedagógico que permite incluir as três fases de toda intervenção reflexiva: planejamento, aplicação e avaliação. Logo, uma SD contempla um conjunto de atividades educativas planejadas de maneira sistemática, correlacionadas dentro de um tema ou conteúdo – o objeto do conhecimento – e organizadas de modo que se construam etapas de ensino que facilitem a aprendizagem dos (das) estudantes.

Para a organização de uma sequência didática ou sequência de atividades, o (a) professor (a) precisa compreender de fato o que vai ensinar e para quê. Pode parecer até óbvio no ofício docente fazer esses questionamentos, mas ter essas respostas bem claramente definidas é o que vai guiar a organização de um fazer pedagógico reflexivo e a construção de uma prática educativa:

Em primeiro lugar, e de maneira destacada, encontramos um referencial que está ligado ao sentido e ao papel da educação. É o que deve responder às perguntas: para que educar? para que ensinar? Estas são as perguntas capitais. Sem elas nenhuma prática educativa se justifica. As finalidades, os propósitos, os objetivos gerais ou as intenções educacionais, ou como se queira chamar, constituem o ponto de partida primordial que determina, justifica e dá sentido à intervenção pedagógica (ZABALA, 2014, online).

Desse modo, ter em mente e buscar refletir sistematicamente sobre sua atuação enquanto educador (a), compreendendo qual o seu lugar no processo educativo, aceitando que “nem tudo se aprende do mesmo modo, no mesmo tempo nem com o mesmo trabalho” (ZABALA, 2014, online) e como tudo isso se relaciona no dia a dia escolar, não é uma tarefa simples e exige um esforço, um compromisso político mesmo. Porém, todo esse trabalho será o diferencial e contribuirá sobremaneira na hora de discernir e articular os conhecimentos, habilidades e competências, fundamentando melhor as propostas de trabalho e consequentemente influenciando no impacto que o ensino causará na aprendizagem do alunado. Assim,

Em resumo, o que queremos dizer é que mais do que nos movermos pelo apoio acrítico a um ou outro modo de organizar o ensino, devemos dispor de critérios que nos permitam considerar o que é mais conveniente num dado momento para determinados objetivos a partir da convicção de que nem tudo tem o mesmo valor, nem vale para satisfazer as mesmas finalidades. Utilizar estes critérios para analisar nossa prática e, se convém, para reorientá-la em algum sentido, pode representar, em princípio, um esforço adicional, mas o que é certo é que pode evitar perplexidades e confusões posteriores (ZABALA, 2014, online).

Zabala estabelece alguns questionamentos muito válidos para nortear o planejamento de uma sequência e/ou até mesmo para analisar alguma já pronta, com o intuito de melhor aproveitar o potencial de aprendizado que esta traz, replicando atividades ou até mesmo acrescentando outras novas. Segundo o autor, essas seriam as perguntas básicas:

Na sequência didática existem atividades:

- a) que nos permitam determinar os conhecimentos prévios que cada aluno tem em relação aos novos conteúdos de aprendizagem?
- b) cujos conteúdos são propostos de forma que sejam significativos e funcionais para os meninos e as meninas?
- c) que possamos inferir que são adequadas ao nível de desenvolvimento de cada aluno?
- d) que representem um desafio alcançável para o aluno, quer dizer, que levam em conta suas competências atuais e as façam avançar com a ajuda necessária; portanto, que permitam criar zonas de desenvolvimento proximal⁶ e intervir?
- e) que provoquem um conflito cognitivo e promovam a atividade mental do aluno, necessária para que estabeleça relações entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios?
- f) que promovam uma atitude favorável, quer dizer, que sejam motivadoras em relação à aprendizagem dos novos conteúdos?
- g) que estimulem a autoestima e o autoconceito em relação às aprendizagens que se propõem, quer dizer, que o aluno possa sentir que em certo grau aprendeu, que seu esforço valeu a pena?
- h) que ajudem o aluno a adquirir habilidades relacionadas com o aprender a aprender, que lhe permitam ser cada vez mais autônomo em suas aprendizagens? (ZABALA, 2014, online).

A questão que abre as indagações propostas acima propõe que a SD deve partir da problematização da realidade estudantil, de maneira que esse público discente apresente seus conhecimentos prévios em relação ao novo conhecimento proposto pelo (a) docente. Essa já não é uma orientação tão nova na organização do trabalho docente, mas se bem trabalhada e direcionada, ela desperta de imediato o interesse do (a) estudante para aquele momento inicial da aula. Partir do presente e das consciências históricas dos (das) estudantes sobre determinados temas e conteúdos pode favorecer a construção de uma relação exitosa no processo ensino-aprendizagem, pois o (a) aluno (a) compreendendo que o conhecimento que ele (ela) traz consigo é valorizado em sala de aula e considerado importante pelo (a) docente,

6 Zona de Desenvolvimento Proximal é um conceito da chamada psicologia sociocultural formulado originalmente por Vygotsky, na década de 1920 e pode ser definido como a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, aprendizados que uma criança já domina, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por desempenhos possíveis em aprender novas práticas com a ajuda e orientação de um adulto ou de colegas. Vygotsky defende que é no caminho entre esses dois estágios, por meio da interação e da troca de experiências, que ela pode se desenvolver. Para mais informações, acessar: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/zona-de-desenvolvimento-proximal>

o fará se sentir mais motivado (a) em continuar esse diálogo entre saberes escolares e suas vivências históricas e experiências cotidianas associadas ao tema da aula.

Todas as questões apontadas acima suscitam pontos importantes que vão muito mais além da hora do planejamento: ao parar e buscar uma resposta, o (a) professor (a) tem mais uma chance de repensar sua prática, refletir se as ações mediadas em sala de aula estão tendo o efeito que potencialmente podem gerar na aprendizagem dos conteúdos, no fortalecimento da cidadania e de valores primordiais para o bom convívio em sociedade. E por mais que pareçam ser muitos questionamentos para o docente dar conta em um tempo já escasso de preparação para as aulas, com a constante prática de recorrência a eles, soariam cada vez mais comuns no enredo do planejamento.

Portanto, vale salientar que a finalidade básica da SD está no processo de construção coletiva do conhecimento, o que pode, inclusive, auxiliar na superação do modelo de educação estritamente tradicional, baseado em um ensino mecanizado, onde, geralmente, a (o) professora (a) é considerada (a) figura principal por ser a (o) detentora (o) do conhecimento e responsável por repassar o mesmo à classe, através de uma aula expositiva, e ao final de um ciclo avaliar a turma apenas pela memorização do conteúdo com provas de questões objetivas e discursivas. Na medida em que as atividades sequenciadas e variadas, planejadas em consonância com os conteúdos necessários à formação dos (das) estudantes favorecerem sua criticidade e a possibilidade de inclusão dos conhecimentos prévios adquiridos na prática do dia a dia, poder-se-á ver a transformação de um aprendiz de conteúdo em um ser crítico de sua própria realidade.

Dando, portanto, continuidade às discussões suscitadas por Zabala sobre a SD, depois de levantar os pontos acima, o autor apresenta quatro exemplos de unidades didáticas que trazem quatro maneiras diferentes de compor uma SD e as analisa pela ótica desses pontos e dos aspectos do conteúdo, da aprendizagem, da atenção à diversidade e da sequência e tipologia dos conteúdos. Essas propostas de trabalho apresentam uma diversidade de caminhos metodológicos aos (às) professores (as) e apresentam para os (as) alunos (as) diferentes oportunidades de aprender diversas coisas:

Nos quatro exemplos de unidades de intervenção, poderemos observar um grau diferente de participação dos alunos, assim como o trabalho de diferentes conteúdos. Foram selecionadas partindo da base de que são as mais generalizáveis. Começaremos pela mais simples e conhecida de todos – uma aula expositiva unidirecional –, para depois continuar com outras mais complexas. Não as situaremos em idades nem áreas determinadas, mas, como poderemos observar, os exemplos são mais próximos do Ensino Médio ou dos níveis superiores do Ensino Fundamental (ZABALA, 2014, online).

Cada um dos modelos apresentados, ainda que possuam uma estrutura parecida – todos têm uma base composta por etapas de apresentação, desenvolvimento e finalização com avaliação – tem suas particularidades e diferentes potencialidades quanto à organização do ensino, o que coaduna com a ideia de que os diferentes conteúdos trabalhados em sala de aula exigem esforços de aprendizagem e subsídios específicos. Temas e conteúdos simples e fundamentais devem vir, em uma sequência didática bem estruturada, antes da abordagem de temas mais complexos. É nesse momento em que o (a) docente terá que ter bem claro o que pretende ensinar, que conteúdos, habilidades e competências desenvolverá junto ao alunado.

Outro ponto importante, é que os modelos apresentados por Zabala – e por tantos outros autores e professores que trabalham com a teoria e prática da educação – não são cartilhas fechadas. A forma como uma SD é organizada é um aspecto relevante, contudo, não há um modelo padrão ou uma estrutura que deva ser fielmente adotada. A dinamicidade dos agentes que fazem o dia a dia na escola, suas potencialidades e necessidades, junto aos conteúdos e os objetivos de aprendizagem de cada fase escolar, a faixa etária, a realidade da escola e das (dos) estudantes, entre outras variáveis, não caberiam organizados de forma única em modelos engessados de planejamento a serem aplicados em série. São exemplos, assim, de propostas que podem ser adaptadas, modificadas e até mesmo servir de base para a criação de novos exemplos; inclusive pode haver a necessidade de mudança da SD já na etapa de aplicação da mesma, com base em um ponto não vislumbrado e/ou em virtude de adaptação às necessidades dos alunos e alunas, por isso a importância de um planejamento bem estruturado, mas com plasticidade e flexibilidade, evitando a improvisação.

Isto posto, com base nas informações aferidas até agora, uma SD para alcançar um bom resultado deve seguir um itinerário que valorize os conhecimentos prévios dos alunos e alunas, seus saberes e experiências precisam ser considerados em todo o processo, com incentivos à participação e ao envolvimento efetivos deles, que relacione os conteúdos e objetos do conhecimento ao cotidiano dos (das) estudantes e que as atividades propostas sejam articuladas e as avaliações variadas para que a heterogeneidade de recepções, apreensões e produções do conhecimento numa sala de aula possam ser mais justamente mensurados.

2 - Entre a história, os quadrinhos e a Pagu: construindo uma sequência didática

Levando em consideração os aspectos levantados até aqui sobre uma SD, principalmente, aqueles trazidos por Antoni Zabala, organizou-se uma estrutura que serviu de base para a SD sobre quadrinhos e feminismo, proposta de intervenção deste trabalho. Também se levou em consideração, o desenvolvimento de competências e habilidades estabelecidas pela BNCC. Das dez competências gerais da Base, que visam assegurar aos alunos uma formação humana integral – podendo ser trabalhadas em todas as disciplinas – para fins metodológicos, dentro do universo deste trabalho, a SD desenvolvida está mais especialmente relacionada às seguintes competências gerais:

Competência 1- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;

Competência 7 - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta;

Competência 9 - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p. 15)

Também estarão referenciadas nessa SD, competências específicas do componente curricular História, do 9º ano, e unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades relacionados ao recorte temático-temporal da Era Vargas (1930-1945), período histórico dos quadrinhos de Pagu.

Por fim, chegou-se ao seguinte modelo (os itens não precisam seguir essa ordem):

- apresentação do tema;
- descrição dos recursos didáticos;
- duração de execução – não há um número mínimo ou máximo estabelecido de horas–aulas para cada SD, que pode variar de acordo com o conteúdo, objetivos e as atividades estipuladas;
- descrição do objetivo geral, dos objetivos de aprendizagens e objetos do conhecimento e habilidades da BNCC;
- introdução – momento em que o tema é reiterado de maneira mais detalhada, descrevendo as atividades e ações das aulas dessa SD, de apresentar os critérios de avaliação como interesse, envolvimento e pontualidade nas atividades propostas, etc.,

e esclarecer como será a finalização da SD; pode-se, inclusive pedir sugestões à turma de alguma ação a ser acrescentada;

- desenvolvimento – descrição aula a aula com os objetos do conhecimento detalhados, a proposta, a organização da turma; sugestões de fontes, pesquisas e atividades, tudo isso com vistas a instrumentalizar as (os) alunas; encaminhamentos para a aula seguinte; pode-se fazer uma breve revisão do que foi trabalhado.
- Avaliação – listagem dos instrumentos de aferição das aprendizagens dos (as) estudantes e estratégias de recuperação para aqueles que não atingirem os objetivos propostos.

2.1 A sequência didática

Tema

O feminismo de Pagu e possibilidades do uso de HQs e o estudo de gênero nas aulas de História.

Duração

Seis horas-aulas.

Objetivo geral

Analisar e refletir sobre a contribuição de Pagu ao pensamento feminista e à luta pela igualdade de gênero, nos primeiros anos da década de 1930, tendo como ponto de partida as tirinhas por ela produzidas.

Objetivos de aprendizagem

- Conhecer as diferentes fases da Era Vargas e reconhecer acontecimentos importantes de cada uma;
- Contextualizar e analisar a atuação política de Pagu nos primeiros anos da Era Vargas;
- Analisar a trajetória de Pagu, relacionando-a às lutas sociais das primeiras décadas do século XX, especialmente, voltadas ao feminismo e gênero;
- Compreender os usos dos quadrinhos enquanto fontes históricas e metodológicas nas aulas de História, a partir das tirinhas feitas por Pagu;
- Conhecer os principais tipos de HQs;
- Reconhecer os elementos básicos que constituem uma HQ;

- Planejar e elaborar uma história em quadrinhos;
- Analisar criticamente as muitas narrativas e discursos sobre a mulher, comparando a atualidade e a época da Pagu;
- Refletir sobre relações de gênero e o combate à violência contra a mulher na atualidade.
- Analisar os fatores que contribuíram para a consolidação dos diferentes tipos de desigualdades na sociedade brasileira.

Objetos de conhecimento e habilidades (BNCC)

Objetos de conhecimento – O período varguista e suas contradições; e o trabalhismo e seu protagonismo político; anarquismo e protagonismo feminino.

Habilidades – Identificar e discutir o papel do trabalhismo como força política, social e cultural no Brasil, em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade) e relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

Introdução

Esta sequência trabalha a contribuição de Pagu ao pensamento feminista e à luta pela igualdade de gênero nos primeiros anos da década de 1930, tendo como ponto de partida as tirinhas por ela produzidas. Dentro desse escopo, a vida de Pagu, a Era Vargas, o feminismo, a luta pela igualdade de gênero e as HQs se entrelaçam e são os principais assuntos abordados. Tais conteúdos serão estudados por meio de exposições orais dialogadas, recursos audiovisuais, atividades orais e escritas divididas em trabalhos individuais, em dupla e em grupo – lista de exercício sobre a Era Vargas, pesquisa sobre a vida de Pagu com texto e imagens, análise dos seus quadrinhos e construção de mural com fotos dela, produção de texto sobre a desigualdade de gênero, produção de quadrinho abordando temas e assuntos da SD.

Os critérios de avaliação foram construídos com base na observação e análise do envolvimento e participação da turma a cada aula e atividades propostas. Deve-se atentar às especificidades de análise do (a) aluno (a) no momento individual e coletivo de resolução das atividades. Para fechar a SD, se propôs uma exposição com parte dos trabalhos produzidos pelos alunos e alunas, com exposição oral deles explicando o produto em si, relacionando com o que aprendeu ao longo das seis aulas. Dessa maneira, os (as) estudantes poderão sintetizar o processo vivenciado e fazer uma autoavaliação da experiência em relação ao desenvolvimento da atividade.

Desenvolvimento

1ª aula - Era Vargas e a contextualização da proposta de trabalho da sequência

- Duração: 50 minutos;
- Local: sala de aula;
- Organização da turma: enfileirados de frente ao quadro e professor (a);
- Recursos e/ou material necessário: livro didático, quadro, pincel, charge de Belmonte, projetor multimídia.

Nesta aula, os pontos colocados no item acima (introdução) devem abrir o momento. Durante essa exposição, é importante instigar a turma à análise e à proposição de sugestões a serem acrescentadas à SD.

Feito isso, apresentar o tema da aula. De início, deve-se perguntar aos (às) alunos o que sabem sobre Getúlio Vargas. É interessante escrever no quadro as informações recebidas. Logo depois, mostrar a charge “A história de um governo”, de Belmonte (por meio de retroprojetor ou impressa):

Imagem 18: As diferentes fases do governo Vargas segundo o cartunista Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto).



Fonte: <https://www.politize.com.br/era-vargas/>

Pedir a opinião da classe sobre essa charge quanto às diferenças que percebem ao longo do tempo na fisionomia de Vargas. A partir daí, uma visão geral de como as condições históricas de cada ano desse governo foram mudando, de 1930 a 1937. O livro didático que geralmente traz imagens e outros recursos visuais pode ser trabalhado neste momento para auxiliar na apresentação e caracterização da Era Vargas, contextualizando suas diferentes fases. A ideia é que ao final da aula os alunos possam compreender a mensagem principal da

charge, fazendo um paralelo entre as mudanças de humor de Getúlio apresentadas nos desenhos, com a política adotada em seu governo nessas fases distintas.

No desenvolvimento dessa aula é importante mostrar que desde os anos de 1920 o Brasil já vinha passando por intensas mudanças nos campos político, social, cultural e econômico: a Semana de Arte Moderna, o surgimento do Partido Comunista, a Grande Depressão e suas implicações na economia brasileira ainda baseada na exportação de produtos agrícolas e a chegada de Getúlio Vargas ao poder por meio de uma intervenção militar em 1930, depois da não aceitação dos resultados eleitorais nas turbulentas eleições presidenciais.

Isso sinaliza uma época de transformações, marcada por revoltas, rebeliões e contestações às estruturas sociais vigentes, inclusive com o recrutamento da força policial por parte do governo como forma de controle das agitações sociais e individuais contrárias à política governamental. Com a crise do café, pós quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, que abalou a então próspera São Paulo, as condições de vida dos trabalhadores pioraram ainda mais e o ativismo político ganhou força nesse cenário de carestia, desemprego e desigualdade social acentuada.

É nesse período bem movimentado que surge *O Homem do Povo*, em 1931, periódico que criticou abertamente o modelo socioeconômico baseado na lógica capitalista, os padrões religiosos e tantos outros valores tradicionais daquela sociedade. Patrícia Galvão, a Pagu, será uma das fundadoras e colaboradoras mais marcantes desse folhetim com seu discurso contrário à desigualdade econômica e a de gênero, à submissão e passividade que atravessavam as mulheres de seu tempo e defensora da emancipação da feminina e a participação delas nos movimentos e lutas de trabalhadores, entre outras pautas.

O desenvolvimento dessas informações vai ajudar na contextualização para as aulas seguintes e servir de sensibilização para a proposição de uma pesquisa sobre a vida de Pagu, a qual deverão trazer impressa ou manuscrita já para a próxima aula. Nesse momento pode ser feito uma breve sondagem para saber se alguém conhece ou já ouviu falar dela. Para despertar ainda mais a curiosidade deles, sem entrar muito em detalhes, peça para que eles também pesquisem e ouçam em casa a música “Pagu”⁷.

E, por fim, como reforço do conteúdo, pede-se também a resolução de exercício do capítulo estudado nesta aula, para ser feito em casa. Como o assunto ainda vai reverberar como pano de fundo de boa parte das aulas da SD, a atividade não precisa ser corrigida

⁷ Esta canção é uma composição de Rita Lee e Zélia Duncan lançada em 2000 e homenageia Pagu, reportando-a a época dela em suas reivindicações políticas pelos palanques. A música enaltece o poder feminino, inclusive desconstruindo estereótipos da mulher brasileira. Um vídeo legendado com a letra dessa obra, interpretada pela cantora Maria Rita pode ser acessado por este link: <https://www.youtube.com/watch?v=qucUfgKeCpI>

totalmente na 2ª aula. Basta comentar apenas sobre as questões que envolvam os antecedentes da chegada de Vargas e os primeiros anos de seu governo. Mas negocia-se com os alunos e alunas como será essa logística de correção.

2ª aula - A ousadia de Pagu e a contestação de valores sociais tradicionais

- Duração: 50 minutos;
- Local: pátio da escola;
- Organização da turma: 1º momento - divisão em grupos; 2º momento - todos reunidos em um único círculo;
- Recursos e/ou material necessário: pesquisas impressas sobre a história de Pagu e algumas imagens dela.

Nessa aula, a turma será levada ao pátio ou a qualquer outro lugar na escola que favoreça a formação de um grupo em círculo e também a formação de subgrupos que possam ficar afastados entre si. A ideia é dividir os discentes em grupo para que entre os colegas possam compartilhar informações da pesquisa sobre Pagu, pedida na aula anterior. Dessa maneira, eles poderão conceber pontos novos e/ou acrescentar outros elementos às pesquisas dos demais colegas, num processo dialógico, fazendo análises e argumentando.

Além disso, aqueles que não fizeram a pesquisa não ficarão excluídos já que nos grupos poderão ouvir e aprender, participando também desse momento coletivo de aprendizado. Durante essa conversa em grupos separados, os estudantes deverão anotar as informações que acharem mais relevantes para apresentarem para o grupão.

Neste momento, enquanto acontecem as apresentações, o docente – que deverá ter pesquisado previamente mais informações sobre a vida de Pagu⁸ – deve ir acrescentando mais dados e curiosidades e sempre que for possível, aproveitar para reforçar que pautas levantadas por ela, como a desigualdade de gênero refletida em vários espaços, a luta pela autonomia e empoderamento feminino, que ainda fazem parte da luta diária de muitas mulheres nos dias atuais.

Além disso, o professora deve apresentar as imagens que retratam fases da vida dela. Assim, a turma além de reforçar a imagem de Pagu junto às informações que vem sendo ditas e pesquisadas sobre ela, essas fotos, que não servem apenas de complemento e nem são

⁸ Algumas sugestões de pesquisas rápidas sobre aspectos biográficos de Pagu:

<http://www.pagu.com.br/biografia/>;

<http://www.elfikurten.com.br/2014/04/patricia-galvao-pagu-musa-antropofagica.html>;

<https://www.spleituras.org.br/noticia/escritora-militante-dramaturga-e-ilustradora-pagu-faria-110-anos>

meramente para ilustração, carregam conteúdo e informações que vão complementar a parte escrita e oralizada nesta etapa da aula. Isso colabora para a aprendizagem e no desenvolvimento da capacidade de interpretação, criatividade e pensamento crítico. Além do que, essa parceria entre o texto escrito e a imagem, agora, são estratégicos para ambientar as ações da próxima aula que trará para o debate os quadrinhos feitos pela Pagu. E como sugestão, logo a seguir estão algumas fotografias dela.

Imagem 19: Patrícia Galvão, a Pagú .



Fonte:[http://www.elfikurten.com.br/2014/04/patricia-galvao-pagu-musa-antropofagica.html%20Patr%C3%ADcia%20Galv%C3%A3o,%20a%20Pag%C3%BA%20\(c.%201930\)](http://www.elfikurten.com.br/2014/04/patricia-galvao-pagu-musa-antropofagica.html%20Patr%C3%ADcia%20Galv%C3%A3o,%20a%20Pag%C3%BA%20(c.%201930))

Imagem 20: Pagu ao lado de Oswald e do filho Rudá, no início da década de 1930.



Fonte:<https://harpersbazaar.uol.com.br/cultura/em-nova-edicao-de-livro-de-memorias-pagu-orbita-entre-militancia-e-sex-symbol/>

Imagem 21: Pagu, após ser presa, interrogada e torturada na Delegacia Central de Santos em 1931.



Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/card/ato-em-memoria-de-sacco-e-vanzetti-termina-com-morte>

Na primeira imagem, ainda bem jovem, da época em que Pagu participava da segunda fase do Movimento Modernista, ao lado de ícones como Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Foi o período em que ganhou seu apelido mais famoso: Pagu e teve o contato com os ideais do Movimento Antropofágico, que marcaram sua forma de desenhar e escrever nos anos seguintes, influência estética percebida, inclusive, nos quadrinhos Malakabeça, Fanika e Kabelluda, publicados no jornal O Homem do Povo.

Na segunda foto, já casada, ela aparece com seu esposo, Oswald de Andrade e o filho do casal, Rudá. Depois do conturbado início do romance, o casal se casa e pouco depois ela engravida. Porém, a família reunida e feliz estampada nessa imagem vai sucumbir, entre outros fatores, com as frequentes prisões de Pagu por conta de sua participação no Partido Comunista e a perseguição de Vargas ao comunismo desse período. A última imagem é justamente de Pagu após ser presa, interrogada e torturada na Delegacia Central de Santos em 1931. É importante, ao usar essas ou outras imagens de Pagu, saber direcionar de qual momento de sua vida a fotografia diz respeito. A imagem precisa ser explicada e, preferencialmente, atrelada a alguma fala das alunas e alunos.

Já próximo ao final da aula, pergunta-se à turma quem pesquisou e ouviu a música Pagu. Espera-se que parte deles tenha escutado para assim conversar brevemente a partir do seguinte questionamento: diante do que fora apresentado na aula de hoje, que relações podem ser estabelecidas entre a letra da música e a Pagu? Caso não tenha um “quórum” e fique sem sentido falar da música se quase ninguém acessou a ela, o professor julga viável a ideia de reforçar essa atividade para um outro momento da SD.

E, para fechar com a revisão dos conceitos e temas vistos, de modo a complementar a aprendizagem deles em casa, disponibilizar à turma através de aplicativos de mensagens instantâneas, endereço eletrônico ou redes sociais, os seguintes links <https://www.instagram.com/reel/CbbYl1Qgsei/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> e <https://www.youtube.com/watch?v=xdjhi4czQMU>, respectivamente representados nas imagens abaixo:

Imagem 22: Captura de tela do início do vídeo, uma animação de quase um minuto que faz um panorama da vida de Pagu. Curto, simples e dinâmico.



Imagem 23: Captura de tela do início do vídeo, Viva Pagu, com 4min17seg, onde uma pesquisadora fala sobre a vida de Pagu, seu legado e sua morte precoce.



3ª aula - Pagu e o Movimento Feminista no Brasil

- Duração: 50 minutos;
- Local: sala de aula;
- Organização da turma: enfileirados de frente ao quadro e ao (à) professor (a);
- Recursos e/ou material necessário: slides sobre o Movimento Feminista no Brasil; projetor multimídia e notebook.

No início dessa aula, deve-se fazer as seguintes indagações à turma: o que quer dizer quando falam que uma mulher é feminista? Vocês sabem o que é o movimento feminista? Quando começou esse movimento no Brasil? Será que Pagu era feminista? Depois de ouvir as respostas e estabelecer um diálogo delas com o conteúdo do feminismo, o (a) professor (a) deve começar a apresentação em slides acerca do Movimento Feminista no Brasil, primeiro com o foco em levar esse conhecimento os alunos para que eles compreendam a importância que o feminismo teve e tem para a conquista de muitos direitos das mulheres. Depois, se objetiva compreender como se deu o diálogo de Pagu com esse movimento.

O feminismo é um movimento social e político que luta pela igualdade entre homens e mulheres e defende ideias e ações de superação da desigualdade de gênero, e sua história, a partir do século XIX, geralmente é descrita por meio de uma periodização em “ondas”:

O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. (PEDRO, 2005, p. 79)

No Brasil, no início do século XX, várias manifestações feministas reivindicando o direito à participação na vida política do país vão surgir. Céli Regina, em *Uma história do feminismo no Brasil* (2003), defende que do fim do século XIX até a década de 1930, três vertentes do movimento feminista se destacam: a primeira, mais elitista e liderada por Bertha Lutz, não trouxe pretensões de mudanças mais estruturais na sociedade, ou seja, “sem mexer com a posição do homem, as mulheres lutavam para ser incluídas como cidadãs. Esta parece ser a face bem-comportada do feminismo brasileiro do período” (p. 15); a segunda, mais heterogênea quanto à formação, “feminismo difuso” da época, vai defender além da participação política feminina, o direito à educação; e a terceira vertente que a autora chama

de “o menos comportado dos feminismos” (p.15), se manifesta especificamente no movimento anarquista e no Partido Comunista, tendo como precursora Maria Lacerda de Moura.

E qual foi o lugar de Pagu nesse panorama do feminismo brasileiro do início do século XX? De forma bem elementar, podem ser suscitados alguns pontos razoáveis. Pagu inseriu em seus quadrinhos uma mulher como protagonista. Kabelluda é uma personagem que está à frente de seu tempo; ela é contestadora, revolucionária e emancipada. Há, portanto, uma ênfase às questões feministas e essas tiras, inclusive, são consideradas os primeiros quadrinhos feministas no Brasil, até então. No entanto, ainda que ligada a pautas feministas importantes, na primeira metade do século XX, Pagu não se identificou com nenhuma das duas principais correntes do movimento feminista de sua época – a elitista, ligado à Bertha Lutz e a crítica anarquista, de Maria Moura.

[...] Pagu sempre criticou o feminismo burguês e elitista, o feminismo que não considerava as mulheres de classe baixa que não tinham acesso às discussões altamente intelectualizadas e desinteressadas nas demais demandas que perpassam a opressão das mulheres (FERRARA, 2017, p.17)

Desta feita, pode-se considerar que das três correntes do movimento feminista citadas, o posicionamento de Pagu declarado nos quadrinhos e em outras produções suas, fica mais próximo ao chamado "feminismo difuso", formado por

mulheres cultas, com vidas públicas excepcionais, na grande maioria professoras, escritoras e jornalistas. Preocupadas ou não com os direitos políticos, essas mulheres têm um campo mais vasto de questões, defendem a educação da mulher e falam em dominação dos homens e no interesse deles em deixar a mulher fora do mundo público. Em seus textos, tocam em temas delicados para a época, como sexualidade e divórcio (PINTO, 2003, p.15)

Patrícia, portanto, pode ser considerada uma das mulheres mais polêmicas na história do feminismo do Brasil de meados do século XX, que fugia à rótulos e combatia os modelos a serem seguidos por meio de imposições. Foi livre e lutou pela liberdade de mulheres que precisavam acordar do sono profundo do patriarcado e conservadorismo da sociedade brasileira das primeiras décadas do século passado.

Sobre gênero, Joan Scott (1995), no seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, defende o uso desse conceito como uma categoria histórica e analítica que dá sentido ao conjunto de atribuições culturais e relações sociais construídas com base nas diferenças percebidas entre os sexos masculino e feminino e que mudanças na organização

dessas relações sociais correspondem a mudanças nas representações de poder. E mesmo que o gênero não seja o único lugar onde o poder constitua sentido, ele acaba sendo o meio mais utilizado para dar eficácia à significação do poder nas tradições judaico-cristã e islâmicas. E, desse modo, acaba sendo utilizado designar um universo que vai muito mais além de uma identidade individual e

pode também servir para interpretar e estabelecer significados que não têm relação direta com o corpo, a sexualidade, nem as relações entre homem e mulher, categorizando, em termos de masculino e feminino, as mais diversas relações e alteridades da natureza e da sociedade, conforme cada compreensão cultural e histórica (CARVALHO, 2012, p.405)

Ainda que possa não haver tanta novidade assim em compreender que masculino e feminino não são categorias fixas e muito menos seriam as atribuições sociais que cada um tem ou teve ao longo do tempo nas mais diversas sociedades, o que ainda se vivencia são relações de gênero bem desiguais, hierarquizadas, nas quais o direito à igualdade e o respeito à diferença estão bem longe de ser uma realidade concreta. E, por isso, mesmo diante de muitos avanços na luta pela igualdade de gênero, trabalhar a temática do feminismo em sala de aula se faz muito importante, tendo em vista, o machismo e as violências ainda existentes nos mais variados âmbitos sociais, inclusive no ambiente escolar. Desigualdades entre homens e mulheres e os preconceitos também são reproduzidos na escola, portanto,

[...] é necessário pensar que pesquisas estamos fazendo na História. Estamos usando esta disciplina para reforçar a heterossexualidade ao considerá-la como a norma? Como estamos observando os discursos da constituição do Estado? O que é generificado nestes discursos? Quais relações são feminilizadas e quais masculinizadas? Ao observarmos, como profissionais da História, as práticas que ensejam a divisão sexual do trabalho, dos espaços, das formas de sociabilidade, bem como a maneira como a escola, os jornais, a literatura, enfim, os diferentes meios de comunicação e divulgação constituem as diferenças reforçando e instituindo os gêneros, estamos escrevendo uma história que questiona as “verdades” sedimentadas, contribuindo para uma existência menos excludente. (PEDRO, 2005, p.92).

A partir das tirinhas de Pagu, pode ser estabelecido um diálogo com os alunos acerca das temáticas de gênero, desigualdade social, intolerância, cidadania, entre outros, e, assim, ao usar as HQs nesse processo pedagógico, um interesse novo para o aprendizado e construção do conhecimento histórico podem surgir e com ele novos caminhos à produção de um conhecimento cheio de importância e auxilie na transformação social que tanto precisamos.

Portanto, o diálogo baseado no tripé discursivo envolvendo as HQs, o feminismo e Pagu, vem contribuir também para a valorização e reconhecimento das mulheres que

resistiram, lutaram e deram muito de si para que todas pudessem ter suas vidas respeitadas e direitos básicos reconhecidos e que, hoje, injustamente ainda tem suas trajetórias silenciadas. Margareth Rago, uma importante referência brasileira no estudo do Movimento Feminista, levanta a discussão acerca da invisibilidade de tantas trajetórias femininas, as motivações e as consequências disso para a sociedade atual:

Deve-se perguntar, então, a que vem a perpetuação desse estigma sobre mulheres que lutam e lutaram por outras mulheres, que se empenham pela melhoria da condição feminina, que dão visibilidade a questões radicalmente novas, que propõem outras alternativas para o pensamento e que, sem dúvida alguma, ajudam a construir um mundo novo e muito mais saudável também para os homens? E mais, o que a utilização desse estigma nos informa sobre o lugar do feminino em nossa cultura e sobre a relação que se mantém com o diferente? A reflexão sobre essas questões nos ajuda a perceber como a sociedade reage ante a ideia de que as mulheres passem a se pensar com autonomia, como podendo figurar por conta própria na História, recusando-se a girar, como auxiliares ou sombras, em torno dos homens (RAGO, 2001, p.59).

Desta maneira, falar sobre Patrícia Galvão e trazer parte de sua militância na década de 1930, visa estimular, pela perspectiva do gênero e estudos feministas, o desenvolvimento da consciência histórica promotora da cidadania que respeite as diferenças e combata, “a cidadania atrelada ao civismo cego e aos valores tradicionais [que] não propiciam a construção de atitudes de respeito e tolerância na cultura escolar, ao contrário, ajuda a promover e perpetuar exclusões” (MEDEIROS; REGIANI, 2020, p. 483). E só se faz isso questionando e condenando esses papéis sociais destinados às mulheres que só reforçam o preconceito, a violência, a desigualdade social entre elas. A escola tem a obrigação de ser mais um espaço de discussão e reflexão sobre as desigualdades de gênero.

Além do que foi exposto, o professor pode pesquisar mais informações para acrescentar nos slides dessa aula. Depois de concluída a apresentação, deve se perguntar o que os alunos compreenderam sobre esse momento, se o que sabiam estava de acordo com o que foi colocado ou se não, e caso ainda não tenham comentado do início da aula, perguntar qual era a visão diferente que se tinha sobre o feminismo no Brasil. E a aula pode ser finalizada, com o seguinte questionário a ser respondido em casa pelas (os) discentes:

- 1 – Explique o que é o feminismo.
- 2 – Caracterize as fases do movimento feminista no Brasil.
- 3 – Pagu pode ser considerada feminista? Por quê?
- 4 – De que maneira a Pagu se relaciona com o movimento feminista?

5 – Estabeleça a relação entre patriarcado e desigualdade de gênero.

5 – Por que o feminismo continua sendo importante na atualidade?

4ª aula - Os quadrinhos de Pagu

- Duração: 50 minutos;
- Local: sala de aula;
- Organização da turma: alunos em duplas;
- Recursos e/ou material necessário: tiras da Pagu impressas

Nesta aula, deve-se retomar a atuação política de Pagu no início do século XX. Os (as) alunos (as) devem ser estimulados (as) a falar o que aprenderam sobre a Patrícia Galvão nas aulas anteriores. Aqui, deve ser feita uma breve relação com o contexto da época, de luta pelas conquistas de direitos políticos, sociais e civis, protagonizada por vários movimentos sociais – que inclusive está relacionado a uma das habilidades da BNCC para este conteúdo macro da Era Vargas. Enfatizar, por exemplo, as mulheres militantes anarquistas desse período, mesmo entendendo a situação de inferioridade na qual estavam, no seu próprio partido, sacrificavam essa luta pelos direitos das mulheres por acreditarem que a libertação da mulher estava intimamente ligada à destruição do Estado, do sistema capitalista, do sistema de classes e do patriarcado. Por isso o anarquismo acaba citado, também, na pauta da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Pagu, que se filiou ao Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1931, também teve momentos em que sua atuação foi colocada numa posição subalterna, com base em argumentação muito parecida com a das mulheres anarquistas.

Dando prosseguimento, agora será o momento em que cópias das tiras de Pagu, publicadas no jornal O Homem do Povo, em 1931, são distribuídas às alunas e alunos para que os analisem em dupla, como um documento histórico e percebem que críticas ela apresenta à sociedade de sua época. Essas tirinhas ao serem analisadas como fonte histórica do início do século passado, trazem algumas interpretações e evidenciam pautas e reivindicações do seu contexto histórico, que podem também fazer parte de problemáticas atuais, mesmo depois de quase um século de sua criação.

Espera-se que os discentes percebam a estética engajada e politizada de Pagu e que de acordo com o que já foi estudado sobre ela, que eles consigam perceber que Pagu usou os quadrinhos, inclusive, para espelhar suas próprias experiências pessoais e como, num tom bem audacioso, ela se mostra uma mulher forte e libertária e que estava muito à frente de seu tempo.

Ao todo foram oito tirinhas que retratam, de forma cômica, uma história com três personagens fixos: a jovem contestadora Kabelluda, fora dos padrões sociais da época, e os tios Fanika e Malakabeça. A forma original, criativa e ousada que Pagu trabalhou essas histórias em quadrinhos – considerados os primeiros quadrinhos feministas no país identificados até o momento – faz dessa obra uma relevante contribuição ao pensamento feminista brasileiro, nas primeiras décadas do século XX.

Para o trabalho de análise em dupla, cada uma fica com uma tirinha, e dado o tempo deles conversarem entre si, identificando as críticas, o posicionamento de Pagu, as lutas, etc., suscita-se que haja uma exposição oral, para a toda a sala, das impressões deles acerca da tira analisada. Para essa atividade foram escolhidas algumas tirinhas e para ampliar a discussão junto ao alunado, logo depois de cada uma delas, há um breve comentário sobre a mesma. É possível com essa análise, ainda que rasa, das tirinhas, apreender alguns pontos do diálogo de Pagu com a sociedade paulistana dos primeiros anos da década de 1930, e em que aspectos as críticas e posicionamentos dela vão ao encontro do Movimento Feminista à época. A seguir, as tirinhas comentadas:



Legendas: Kabelluda resolveu fundar um jornal do povo/ incitou Malakabeça a organizar uma grande empresa/ O jornal fez enorme sucesso/ O jornal fechou.

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (27/03/1931, p. 5)

Comentário: Logo na primeira edição, Kabelluda, a jovem transgressora, funda um jornal com a ajuda do tio. O noticiário fez muito sucesso, mas fechou. Logo depois de mostrar que o jornal deixou de funcionar, a narrativa do quadrinho prossegue mostrando a jovem Kabelluda segurando uma mala com a inscrição “Fernando de Noronha”, onde na época ainda funcionava um presídio, o que provavelmente seria uma alusão à prisão da fundadora do jornal. Ainda que o final não tenha sido feliz para a protagonista, o que será uma constante na

vida dela em quase todos os quadrinhos de Pagu, sua iniciativa apontou a possibilidade de participação ativa para as mulheres no espaço público e o desejo de superar os limites impostos à atuação das mulheres naquela sociedade. Aqui percebe-se a importância da iniciativa política feminina, de uma mulher que se preocupa com os problemas sociais ainda que ajam empecilhos ao pleno exercício dessa ação cidadã:



Legendas: Kabelluda fez um meeting comunista na Praça da Lamparina/ Foi presa/ Fusilada/ No terceiro dia ressurgiu dos mortos!

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (02/04/1931, p. 6)

Comentário: Nessa tirinha, da edição número quatro, Kabelluda ativista da causa comunista é perseguida por seu posicionamento até a morte. Esse episódio pode ser considerado um prelúdio ao recrudescimento da intolerância aos comunistas nos anos de 1930. Considerados a “ameaça vermelha”, foram perseguidos, torturados e muitos até perderam a vida. A própria Pagu foi perseguida, presa e torturada várias vezes por sua militância no Partido Comunista. A metáfora da ressurreição apresentada ao final do episódio do quadrinho, traz Kabelluda novamente à luta. A jovem não desiste de seu ideal e permanece militando para que o povo seja livre. Pagu quer a todo custo chamar a atenção para importância do engajamento político como a única alternativa para transformar a sociedade em um lugar mais justo. Ela ia de encontro às tradições e implodia estereótipos criados para seu gênero. Mas, como era de se esperar, não foi compreendida por parte daquela sociedade conservadora, inclusive por muitas mulheres de seu tempo, envoltas pelos valores patriarcais.



Legendas: Kabelluda fugiu para Portugal/ Os portugueses sentiram o cheirinho e deram em cima/ Kabelluda voltou com Kabelludinha para o gozo de Malakabeça/ Fanika moralista estragou porque Kabelluda era solteira.
Fonte: ANDRADE; GALVÃO (07/04/1931, p. 6)

Comentário: Nessa tira, da edição número seis, Kabelluda foge para Portugal e acabou sendo assediada pelos portugueses. Depois de alguns meses, voltou para a casa dos tios que a recebem felizes. No entanto, Fanika descobre que a sobrinha engravidou, castiga-a e mata sua filha, Kabelludinha, para desespero de Kabelluda. A tia conservadora intervém de forma tão extrema porque a sobrinha contrariou os bons costumes da família burguesa, “desonrando-a”. Pagu também pode ter feito nessa tirinha uma alusão à prática do aborto, que causava incômodo entre as mulheres “de família”, mas que acabava sendo feito às escondidas, por muitas delas, revelando a hipocrisia daquela sociedade, imbuída de um patriarcalismo promovido pelas próprias mulheres. Pagu, apresenta, portanto, uma crítica ao modelo tradicional de família que se baseava no controle do corpo e das decisões das mulheres, para atender a determinados interesses políticos, ideológicos e mesmo religiosos. Ela questiona o lugar social feminino, alienante, numa tentativa de tentar mobilizar contra essa opressão e subserviência por parte das mulheres.



Legendas: Kabelluda namora o sargento/ Aparece o político cartolão fonfonando/ Kabelluda acha pau/ E foge com o Homem do Povo

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (09/04/1931, p. 6)

Comentário: Pagu continua a colocar em xeque as regras estabelecidas ao comportamento feminino, apostando no poder de escolha da mulher, como mostra a tira acima, da edição número sete do jornal. Nessa história em quadrinhos, Kabelluda e o seu namorado, o sargento, são retratados logo no início. No entanto, seu encontro é interrompido pela chegada de um político, ao qual seu namorado é submisso. Kabelluda não aprova essa subordinação e consonância ao político, uma representação do sistema político da época, e foge com o “Homem do Povo”, uma clara menção a Oswald de Andrade.



Legendas: Kabelluda soube que o príncipe gosta muito das brasileiras/ Resolveu ir à estação/ Mas soube que na Inglaterra havia fome/ E resolveu bancar a nacionalista.

Fonte: ANDRADE; GALVÃO (09/04/1931, p. 6)

Comentário: o quadrinho acima, edição oito, retrata Pagu descontente com a visita do príncipe de Gales ao Brasil, em março de 1931, e sua sátira ao fato de jovens brasileiras

estarem eufóricas e deslumbradas com a presença de Edward, herdeiro do trono inglês. A história diz que quando Kabelluda fica sabendo da vinda do príncipe e logo no início, também vai à estação, mas não para saudá-lo como fizeram as demais e sim questionar a fome sofrida na Inglaterra. Percebe-se aqui claramente, o embate que Pagu quis aclarar entre as mulheres da burguesia e mulheres do povo. Kabelluda consciente do seu papel social, que questiona os problemas do povo, contrasta com o que Pagu chamava de alienação da mulher burguesa, preocupada com futilidades. Ao final da história, Kabelluda contestadora ao ver o nobre britânico de perto, sem nenhum pudor, dobra o braço enfaticamente, dando “uma banana” ao príncipe.

Depois do trabalho de análise dos quadrinhos, o final da aula os discentes receberão do professor um resumo escrito e informativo sobre as histórias em quadrinhos, com informações básicas sobre os principais tipos e os elementos básicos na elaboração de uma HQ para ser lido e explorado em casa, para na aula seguinte ser trabalhado em sala.

5ª aula - Produzindo quadrinhos

- Duração: 50 minutos;
- Local: pátio da escola;
- Organização da turma: 1º momento – todos reunidos em um único círculo; 2º momento – divisão em grupos;
- Recursos e/ou material necessário: resumo escrito, slides sobre as histórias em quadrinhos, papel sulfite, lápis, borracha, lápis de cor, canetas coloridas.

Na aula anterior, foi entregue aos alunos um resumo escrito abordando os principais tipos de quadrinhos e uma descrição de quais elementos, geralmente, eles são estruturados.

Nesta aula, inicialmente, deve-se estimulá-los a comentar o que acharam do material, o que lembram de informações. Logo depois, o docente trabalha detalhadamente esse material, podendo usar slides nessa apresentação – e incluir imagens e/ou vídeos – o que deixará a exposição ainda mais interessante. No entanto, é importante que de antemão, bem previamente, o professor se aproprie, ainda mais com informações gerais desse arcabouço teórico, histórico e técnico do universo das HQs para então propor alguma atividade que envolva a produção de Histórias em Quadrinhos.

Para começo da atividade, devido as características variadas e particularidades, formas e temas diversos, as HQs são motivos de muitos debates, principalmente quando se pretende classificá-las e/ou defini-las. Então, buscar chegar numa classificação “ideal”, não é um

trabalho viável já que dentre os estudiosos, teóricos e pesquisadores das HQs não há esse consenso. O que se pode fazer é escolher uma linha para seguir e se apropriar dela ou delas, compreendendo que ela não deve ser a única correta ou a mais interessante simplesmente porque se optou por essa visão.

Assim sendo, optou-se pela linha de estudo de Paulo Ramos (2009; 2018; 2020), que com base em outros pesquisadores, acredita que os quadrinhos são um hipergênero, por reunirem sobre seu espectro uma diversidade de gêneros, com nomes e estruturas diferentes mas interseccionados, em menor ou maior graus, por características que se repetem, como no caso dos cartuns, charges, as tirinhas (ou tiras), as revistas em quadrinhos, os mangás, as novelas gráficas, etc., que mesmo tendo suas especificidades, fariam o uso da linguagem dos quadrinhos, que usa a comunicação verbal e icônica para constituir um texto narrativo.

A tira é um dos tipos mais conhecidos no universo das HQs, graças às suas publicações em jornais. Aqui deve-se aproveitar a familiaridade que os discentes têm quanto às tiras da Pagu para começar a explorar as características desse formato. O docente pode perguntar quantos quadros tinham essas tirinhas, se tinham legendas, balões, etc. E assim criando uma relação com o conhecimento que eles já têm, ficará mais fácil estabelecer um sentido para a nova informação. As tiras no geral possuem um formato horizontal e se apresentam divididas entre dois a cinco quadros. É, portanto, uma história em quadrinhos curta, com temáticas de humor, drama ação, etc., e por isso também poder ser chamada de tira cômica, tira em quadrinhos, tirinha, tira de jornal, entre outros nomes.

Outro exemplo, são as famosas tirinhas de Hagar, o Horrível, que contam o cotidiano de Hagar e sua esposa e também dele com seus companheiros de guerra numa narrativa bastante bem-humorada, envolvidas de temas como religião, política, relações sociais e muitos outros. Esses quadrinhos, apresentam edições mais curtas como os da Pagu ou mais compridos e verticais, como o exemplo a seguir. Este quadrinho trata justamente duma crítica da relação desigual entre homens e mulheres, onde os afazeres domésticos são vistos como uma ocupação tipicamente feminina, e que por isso, também, acaba não sendo valorizada, considerado um trabalho invisível, já que não gera renda.

Imagem 26:



Fonte: <http://estilotagarela.weebly.com/hearts-home/archives/04-2015>

Por sua vez, outro gênero dos quadrinhos bastante conhecido é a charge. Geralmente se apresenta por meio de uma imagem humorística, caricaturada, que tem a finalidade de produzir uma crítica a um acontecimento de relevância na atualidade onde figuras políticas, culturas e costumes envolvidos no fato são satirizados.

Imagem 27:



Fonte:

<https://nenp.facebook.com/desenhosdonando/photos/a.2505733236361482/3059220281012772/?type=3&theater>

Imagem 28:



Fonte: <https://metalurgicos.org.br/charges/viva-classe-trabalhadora-o-movimento-sindical-e-o-1o-de-maio/>

A revista em quadrinhos que foi por muito tempo o formato mais comum entre as publicações de HQs, a novela gráfica (ou *graphic novel* – tem bem mais páginas que as revistas em quadrinhos, se assemelha mais a um livro e traz narrativa mais densa e sofisticada voltada mais ao público), os com os mangás, *webcomics*, fotonovelas, fanzines, entre outros, compravam a diversidade de gêneros nas histórias em quadrinhos.

E, para fechar o resumo das histórias em quadrinhos, conhecer sua estrutura básica é fundamental para a caracterização e entendimento do que é uma HQ. A começar pelo modo se lê um quadrinho que é um dos traços mais peculiares desse recurso. Sabe-se que, geralmente, se lê um quadrinho da esquerda para direita, de cima para baixo (mas os quadrinhos orientais, como os mangás japoneses, por exemplo, se lê da direita para a esquerda). Os quadrinhos não falam por si só, não trazem seu sentido em si mesmos porque quem faz isso é o leitor, o qual é o corresponsável pelo andamento da narrativa. Uma HQ, então, possibilita que o tempo de cada um seja respeitado, pois se a pessoa quiser fazer uma leitura de acordo com o seu ritmo naquele momento, ela pode acelerar ou diminuir o compasso, voltar e ler de novo. A construção da narrativa não será prejudicada.

A estrutura básica presente de uma forma ou de outra em quaisquer gêneros dos quadrinhos, formada por quadro, requadro e sarjeta. Além desses, também são importantes o balão, a legenda e a onomatopeia.

O quadro - também conhecido por vinheta é a imagem estática e fixa de uma cena, que junto aos demais quadros da obra, dispostos em sequência, formam uma história. É formado pelo conjunto de linhas que delimitam um instante específico ou uma sequência interligada de momentos. Pode ter vários formatos e não necessariamente precisam ter apenas ângulos retos, podendo assumir infinitas formas.

O requadro – é a moldura do quadro e auxilia na separação das ações, ajudando na compreensão da história.

A sarjeta – também conhecido como calha, é um vão, um lugar vazio que serve para separar os quadros e delimitar passagem de tempo. Colabora com a (o) leitora (o) no exercício de ligar mentalmente, um quadro ao outro, para completar as cenas e dar unidade e sentido à narrativa sugerida pelas imagens. É nesse espaço em branco (ou de outra coloração, dependendo da cor de fundo dos quadrinhos), que instintivamente se cria uma comunicação que liga um quadro ao outro para dar continuidade à narrativa.

O balão – um dos elementos mais conhecidos das HQs e abriga a fala dos personagens, o texto da conversa. Podem ser desenhados de formas diferentes, para atender à expressão do sentimento dos personagens, com variações na linha do contorno, o que forma

um código de sentido próprio na linguagem dos quadrinhos. Os balões ainda apresentam uma espécie de “rabicho”, que aponta para um personagem e indica precisamente ao leitor quem está falando ou pensando. No entanto, nem sempre os balões aparecem nas narrativas dos quadrinhos.

O recordatório – também chamado de legenda, o recordatório é muito utilizado no alto do quadrinho para exibir as falas do narrador, mostrando algo não visível ou usado para mostrar pensamentos dos personagens. Geralmente as legendas não são associadas a nenhum personagem específico, apenas fornecem dados.

A onomatopeia – é a representação do som de vozes ou ruídos com o objetivo de aumentar a expressividade do discurso; elas se transformam graficamente naquilo que descrevem e são importantes para o desenrolar da história, por exemplo, na batida de uma porta: “toc-toc!”, o “tic-tac” do relógio, “blá-blá-blá”, etc.

Feito tudo isso, ao final da apresentação dos pontos elencados acima, como maneira de praticar os ensinamentos apreendidos, propor aos alunos que produzam, com base no que aprenderam ao longo dessa e das aulas anteriores, uma HQ retratando a desigualdade de gênero, com um exemplo de situação em que a mulher sofre preconceito ou algum tipo de violência. Pode ser em formato de tira, charge ou qualquer gênero de quadrinhos. A atividade pode ser feita em grupo, mas cada uma faz o seu. Aqui a ideia é que o colega possa ajudar ao outro que estiver com dificuldade em começar. Importante destacar nesse momento que eles possam se sentir que são capazes de produzir uma HQ, sem receio de serem julgados por achar que não dominam a técnica do desenho, por exemplo. Um quadrinho vai muito além da imagem. Ao concluírem que possam entregar ao professor. Antes da aula acabar, o docente pede que os estudantes formem grupos e que conjuntamente já pensem em uma narrativa, um enredo que pudesse servir de base para o retrato de algum momento da história de Pagu que também pudesse ser construído por meio da produção de uma HQ na próxima aula.

6ª aula - Viva Pagu!

- Duração: 50 minutos;
- Local: pátio da escola;
- Organização da turma: 1º momento – todos reunidos em um único círculo na sala de aula;
- Recursos e/ou material necessário: cartolina, pinceis coloridos, lápis, borracha para a produção de HQs sobre a Pagu e mural biográfico com imagens

Nesta última aula, a turma que já está dividida em grupos vai produzir uma tira numa cartolina, retratando um aspecto interessante, uma situação ou acontecimento que mostre a força e a luta de Pagu por uma igualdade de gênero e uma sociedade portanto mais justa. Todos na equipe deverão participar, ou diretamente desenhando, ou no roteiro da história, na edição, etc. Paralelamente, depois de uns 20 minutos nessa atividade, que o grupo escolha um representante do grupo para, conjuntamente com os colegas de cada uma das equipes formar um outro grupo que monte um painel biográfico com fotos (pode ser aquelas mesmas imagens trabalhadas pelo professor na aula 2ª aula, acrescidas de outras) de Pagu, nas diferentes fases da vida dela até sua morte. A ideia é deixar o cartaz com a HQ e esse painel expostos no pátio da escola, onde o restante da comunidade escolar possa conhecer um pouco da história dessa mulher.

AVALIAÇÃO

Todas as atividades propostas, da primeira à última aula de aplicação dessa sequência didática, devem servir para construir a avaliação da aprendizagem da turma. Recomenda-se ter em mãos uma tabela com todas as atividades e o nome das alunas e alunos para um efetivo controle sobre as devolutivas de atividades, retorno das propostas em sala. Isso auxiliará o docente a melhor avaliar os pontos importantes e publicizados lá no início da SD, pelos quais os discentes serão avaliados: o envolvimento, o interesse e a pontualidade em entregar as atividades.

A primeira atividade escrita, aquela voltada a Era Vargas, se não tiver sido corrigida ainda completamente, pode ser requisitada para ser entregue ao final da SD, para se somar as demais demandas de trabalho já realizados.

Recomenda-se ter um momento de avaliação da SD. Numa roda de conversa, os estudantes devem ser estimulados a falarem sobre o que acharam das aulas, que conhecimentos novos aprenderam, que sugestões de temas ou atividades podem ser trabalhados em sala de aula em outra oportunidade. Assim, nesse processo todos se avaliam. O docente, que ouve e reflete com a fala da turma sobre todo o processo de aplicação da SD e elas e elas que nesse exercício de lembrar e rever as ações propostas em sala e trabalhadas individual e coletivamente também podem se perceber enquanto agentes de percepção do seu crescimento.

Além de todas as vantagens de uma sequência didática já apresentadas, uma SD pode apresentar do início ao fim um processo interativo e dialógico entre professoras (es) e

estudantes, de modo não focado na fixação de informações de forma mecanizada e sim na construção coletiva do conhecimento de forma criativa e eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos dos desafios diários que o exercício da docência nos traz. Conseguir fazer um planejamento mais funcional, estruturado e dinâmico é um deles. Professoras e professores da Educação básica são produtores e conhecimento, de currículo, mas nem sempre a prática do chão da escola está em sintonia com o currículo e muito menos o conhecimento produzido na academia vai parar nas escolas. E com a correria exaustiva que toma tempo e vitalidade, como as professoras e professores podem reverter esse distanciamento?

É aqui que o ProfHistória vem desenvolvendo um trabalho significativo de despertar os diversos agentes escolares, especialmente o (a) docente, para a importância que a sua prática tem, sob o viés de que escola também é lugar de construção de saberes e que o (a) professor (a) também é criador (a) e produtor (a) de conhecimento. O presente trabalho é, portanto, um estudo que visa contribuir com exemplos de ações pedagógicas para um ensino de História mais dinâmico e participativo usando as Histórias em Quadrinhos e fruto dessa experiência do ProfHistória.

Neste caso, por mais promissoras que sejam as vantagens de se trabalhar com as HQs, elas ainda não são tão bem aproveitadas como deveriam nas aulas de história – talvez por preconceito, por desconhecimento de suas potencialidades ou até mesmo falta de tempo para se aprofundar mais nessa temática. Essa visão se reflete também nas produções acadêmicas do ProfHistória, por exemplo, onde dos atuais 457 trabalhos do repositório de dissertações desse programa, apenas pouco mais de 10 trabalham efetivamente com os quadrinhos. É aqui que este trabalho também se insere, como mais uma tentativa de mostrar às comunidades acadêmica e escolar que a escolha desse recurso se deu pela convicção plena de que elas podem ajudar a pavimentar o caminho do aprendizado histórico mais efetivo.

Foi justamente pesquisando sobre o potencial das HQs, vislumbrando possibilidades em usá-las em sala de aula que eu encontrei a Pagu e os seus quadrinhos e resolvi trazer a sua história, a sua experiência do passado para esta dissertação, que foi construída com o objetivo apresentar uma proposta de intervenção pedagógica utilizando as histórias em quadrinhos, o estudo do gênero e do feminismo a partir das tiras de Pagu, tudo isso bem articulado e organizado em uma sequência didática. Decerto, as HQs não são e nem devem ser vistas como o recurso que vai salvar o mundo da sala de aula e que somente com elas que a aula pode dar certo. Evidentemente que não. Mas que se esse recurso for bem estudado e as suas potencialidades exploradas de forma individual ou associadas a outros instrumentos

pedagógicos, os quadrinhos se tornam um grande aliado nessa complexa tarefa que é ensinar para a autonomia, para o respeito à diversidade e para a cidadania.

Na pesquisa, desenvolveu-se um estudo mais detalhado sobre a vida da Pagu, suas tirinhas e um estudo sobre a parte metodológica dos quadrinhos, apresentando os exemplos e elementos principais desse hipergênero. Ou seja, este trabalho também pode servir como momento de reflexão inicial para pesquisadores e demais interessados, em estudar especificamente a trajetória de Pagu e as suas mais variadas fases da vida e/ou somente os quadrinhos como recurso didático e fonte histórica.

Ao conhecer as tirinhas de Pagu, contextualizando-as historicamente se percebe claramente às críticas que ela faz abertamente ao lugar feminino de inferioridade e passividade de sua época e ao modelo social baseado no conservadorismo e valores religiosos, que buscava a todo custo o controle do corpo e das decisões das mulheres. Esse posicionamento de Pagu, por exemplo, pode ser usado nas reflexões sobre como as mulheres não tinham as mesmas condições de acesso à emancipação que os homens. Daí partir para o presente é um pulo. Como não deixar a aula mais interessantes, desse modo, comparando tempos distintos, trazendo fontes históricas para serem analisadas e que ainda servirão de pontapé inicial para a construção de quadrinhos pelos próprios alunos.

O produto final desta pesquisa está direcionado aos docentes de História e resultou em uma sequência didática construída com base em seis aulas bem detalhadas e interligadas entre si para auxiliar a aplicabilidade dos temas escolhidos e o diálogo deles em sala de aula. Especialmente pensada para facilitar a vida dos professores e professoras que têm um ritmo frenético de trabalho com cargas horárias maçantes, essa SD trabalha o feminismo de Pagu, as possibilidades do uso de HQs e o estudo de gênero. Temas esses geradores de discussão em sala de aula, já que em vários lugares, todos os dias, mulheres sofrem algum tipo de violência, preconceito ou discriminação apenas por serem mulheres. Problematicar, refletir, questionar e condenar cada ação dessa é sempre necessário e evita que se naturalize os discursos misóginos, patentes ou latentes que de alguma forma ou outra se fazem presentes, inclusive na escola.

A sequência inicia com Era Vargas para compreender a historicidade dos quadrinhos da Pagu, que também são temas de aulas, bem como sua vida e seu lugar no feminismo e na luta contra a desigualdade de gênero e ainda uma oficina de como elaborar quadrinhos. Nessas aulas é possível ter acesso a textos de orientação, resumos, sugestões de imagens, sites, vídeos e atividades diversificadas para serem resolvidas durante a aula, de forma individual, em dupla e em grupo e ainda em casa. Essa diversidade de ações organizada

permite uma interação muito maior pois se o discente não se identifica com uma atividade poderá ter mais opções em se sentir à vontade para participar. Toda essa estrutura foi organizada de modo que a aula seguinte se ligue tanto ao momento anterior, quanto à aula posterior a ela. A ideia é criar degraus, partindo de níveis de conhecimento que os alunos já dominam para chegar aos níveis que eles precisam dominar. Essa lógica contribui para a consolidação de conhecimentos que estão em fase de construção.

Por fim, espera-se que esta dissertação possa contribuir de forma consequente à discussão e constituição de um aprendizado mais autônomo e interativo de História. Que mais estudos envolvendo a metodologia dos quadrinhos possam ser iniciados a partir das análises aqui apontadas e que cada vez mais a vida de Patrícia Galvão, seja lembrada e revivida. Foi uma trajetória marcada por uma força e coragem sem igual, de uma mulher que viveu intensamente suas vontades e dores e que tinha consciência da importância de se posicionar na contramão de uma sociedade que a queria em silêncio. Lutou para ver as mulheres sendo tratadas com dignidade e o respeito. Que desalento ela teria se soubesse que essa luta está longe do fim. Mas que Pagu continue a inspirar e que outras “pagus” inviabilizadas e silenciadas, no passado e no presente, cheguem à tona por meio pesquisas acadêmicas, especialmente no ProfHistória, que busca instrumentalizar diretamente a prática dos educadores e educadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia. **O Homem do Povo**. São Paulo: Globo; Museu Lasar Segall; Imprensa Oficial, 2009. Coleção completa e fac-similar do jornal criado e dirigido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu). 3ed.

BAHIA, Marcio. **A legitimação cultural dos quadrinhos e o Programa Nacional Biblioteca da Escola: uma história inacabada**. Educação, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 340-351, set./dez. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/11765>. Acesso em 07 de novembro de 2020.

BITTENCOURT, Circe. **Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula: São Paulo: Contexto, 2008.

BRAGA, Evandro José. **Leitura da HQ Angola Janga no ensino de história: uma reflexão sobre o racismo e a escravidão**. 181f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – UNIFESP, São Paulo, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC** versão final. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: mar. 2022.

BRASIL. Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs). **História**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33038>. Acesso em: 26 abri. 2022.

CAIXETA, Maryllu de Oliveira. *Pagu: “gata safada e corriqueira”*. **Letras & Letras**, Uberlândia, n.20, p. 59-67, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25165/13983>. Acesso em: fev. 2021.

CAMPOS, Augusto de. (Org.). **Pagu: vida-obra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CAMPOS, Augusto de. Notícia impopular de *O Homem do Povo*. In: ANDRADE, Oswald de & GALVÃO, Patrícia. **O Homem do Povo**. São Paulo: Globo; Museu Lasar Segall; Imprensa Oficial, 2009. p. 55 -59.

CARVALHO, M. P. de. **O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula**. Revista de Educação Pública, [S. l.], v. 21, n. 46, p. 401-412, 2012. DOI: 10.29286/rep.v21i46.416. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/416>. Acesso em: 3 ago. 2022.

CERRI, L. F; BONIFÁCIO, S. F. **O ensino da história e as histórias em quadrinhos: algumas considerações.** 9º Congresso Nacional de Educação, Curitiba, 2006. Anais. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/qdownload/histhq-pdf-free.html>. Acesso em set. 2021.

CERRI, Luís Fernando. **Cartografias temporais: metodologias de pesquisa da consciência histórica.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 36, nº 1, p. 59-81, jan./abr., 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15076>. Acesso em: out. 2021.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução Cristina Antunes. 2. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. O homem e a utopia. In: ANDRADE, Oswald de & GALVÃO, Patrícia. **O Homem do Povo.** São Paulo: Globo; Museu Lasar Segall; Imprensa Oficial, 2009. p. 65-71.

FERRARA, Jéssica Antunes. Modernidade e emancipação feminina nas tirinhas de Pagu. **Darandina Revista Eletrônica**, Juiz de Fora, v.10, n. 2, dez. 2017. Disponível em <https://www.ufjf.br/darandina/files/2018/01/Artigo-J%C3%A9ssica-Ferrara.pdf>. Acesso em: fev. 2021.

FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. **Uma história social do feminismo: diálogos de um campo político brasileiro (1917-1937).** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.31, nº 63, p. 22-26, jan/abril. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/eh/v31n63/2178-1494-eh-31-63-7.pdf>. Acesso em: fev. 2021.

FRONZA, Marcelo. **O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio.** 183 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação de Educação. Curitiba, 2007. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/teses/M07_fronza.pdf. Acesso em: set. 2021

FRONZA, Marcelo. **A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos.** 478 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2012. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/teses/d2012_Marcelo%20Fronza.pdf . Acesso em: set. 2021.

GOMES, Angela de Castro Gomes. **Essa gente do Rio...** os intelectuais cariocas e o modernismo. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 62-77. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1954/1093>. Acesso em: set. 2021.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino em História: experiências, reflexões e aprendizados.** 13ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 2012.

HOLANDA, Sarah Pinto de. **Um caminho à liberdade: o legado de Pagu**. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1tuxzAx_NW35gfn-dhBwJ3eGjhF-94okt/view. Acesso em: fev. 2021.

JÚNIOR, A, F.S.; RODRIGUES, F.C.M.G. Histórias em quadrinhos e ensino de história: olhares e práticas. *Opsis-Catalão*, v. 13, n. 1, p. 66-82. 2013.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. **História em quadrinhos e ensino de História**. *Revista História Hoje*, v. 6, p. 147-171, 2017.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil**. Contexto. 2013. Edição do Kindle.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Editora Makron Books, 2005.

MEDEIROS, Kenia Gusmão; REGIANI, Álvaro Ribeiro. **O palimpsesto da cidadania e a educação histórica: reflexões sobre ensino e aprendizagem de história**. In: BUENO, André; CREMA, Everton; MARTÍN, Nilson Javier (Org.) *Ensino e aprendizagem histórica*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens; UNESPAR, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Nilson-Ibagon-Martin/publication/342082829_Ensino_e_Aprendizagem_Historica/links/5ee1323992851ca38f54af7f/Ensino-e-Aprendizagem-Historica.pdf

MENDES, Bruno Mendes. **A representância do passado histórico em Paul Ricoeur: linguagem, narrativa, verdade**. *Revista História da Historiografia*. Ouro Preto. n. 19. Dezembro de 2015. p. 88-106.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, v.18, nº 1, jan./apr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1.pdf>. Acesso em: mar. 2021.

NETTO, R.; VERGUEIRO, W. **Coleção Quadrinhos em Sala de Aula: estratégias, instrumentos e aplicações**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **Pagu: Política e pioneirismo nas histórias em quadrinhos nos anos de 1930**. In: XXIX Simpósio Nacional de História. **Anais**. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502671728_ARQUIVO_PAGU_ANPUH_CORRIGIDO.pdf. Acesso em: fev. 2021.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Editora Vozes. 2013. Edição do Kindle.

PAIM, Elison Antonio et al. (org). **A pesquisa no Profhistória: entre lugares, saberes e sujeitos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 317p. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/18b7cd_bbd1e0bab2cf4e3bb461462443079f85.pdf. Acesso em: jun. 2022.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 11-34.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, v. 24, n.1, p.77-98. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em: fev. 2021.

PINTO, Céli R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. Editora Peirópolis. Edição do Kindle.

RAGO, M. **Adeus ao feminismo?** Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**. Campinas, v. 2, n. 3/4, p.11-43. 1995/1996. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2612/2022> . Acesso em: fev. 2021.

RAGO, Margareth. **Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos**. In: COSTA, Claudia Lima; SCHMIDT, Simone Pereira. (Org.). Poéticas e Políticas Feministas Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004. Disponível em: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf. Acesso em: fev. 2021.

RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso: por uma cultura filógina**. São Paulo em Perspectiva, vol. 15 nº 3. São Paulo, jul/set. 2001. Disponível em: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminizar_eh_preciso.pdf

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2018.

RAMOS, Paulo. **Histórias em Quadrinhos** na Formação de Professores: uma discussão necessária. In PEREIRA, S. e TOSCANO, M. (Eds.) 3º Congresso Literacia, Media e Cidadania –Livro de Atas. Lisboa, CECS – Universidade do Minho: 2015.

RAMOS, PAULO. **Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 38 (3): 355-367, set.-dez. 2009. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III: o tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

RISÉRIO, Antônio. **Pagu: vida-obra, obravida, vida**. In: CAMPOS, Augusto de. (Org.). Pagu: vida-obra. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 32- 55.

RODRIGUES, Vinicius da Silva. **Histórias em quadrinhos & ensino de literatura: por um projeto de formação de leitores menos “quadrado”**. 139f. Dissertação (Mestrado) –

- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88354/000911582.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: set. 2021
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.
- SANTOS, Sarita Souza dos. **As tiras de Calvin & Hobbes**: possibilidades para o ensino de História na educação básica. 134p. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – UEMS, Amambai, MS, 2020.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul/dez., 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: fev. 2021.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. **O Modernismo e a questão nacional**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org). O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo oligárquico. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 337-371.
- VERGUEIRO, W. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012a.
- VERGUEIRO, W. **Quadrinhos e Educação Popular no Brasil**. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Org.). Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Contexto, 2009.
- VERGUEIRO, W.; e RAMOS, P. **Os quadrinhos (oficialmente) na escola**: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo (Orgs). Quadrinhos na educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-59.
- VERGUEIRO, W. **Uso das HQs no ensino**. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012a. p. 7-29.
- VERGUEIRO, Waldomiro. **“Ao largo da crise: bons ventos para as histórias em quadrinhos comerciais no Brasil”**. Trabalho apresentado no Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA), em Toronto, Canada, outubro de 2010. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2010/files/1379.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- VELLOSO, Carlos José de Serpa. **Trabalhador ou malandro?** Usando o personagem Zé Carioca para entender a construção do trabalhismo no Estado Novo. 83f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2021.
- VERGUEIRO, Waldomiro. **A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária**. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2009. p. 31-64

VILELA, Marco Túlio Rodrigues. **A utilização dos quadrinhos no ensino de história:** avanços, desafios e limites. 323 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

VILELA. **Os quadrinhos na aula de História** In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

XAVIER, Glayci Kelli. **Histórias em quadrinhos:** panorama histórico, características e verbo-visualidade. UFJF. Estudos Literários, vol.10, n.2.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Penso, 2014. Edição do Kindle.

ANEXO A - Fotos

A bebê Pagu, em 1910



Disponível em: <https://medium.com/cinesuffragette/pagu-o-mito-a-mulher-o-sonho-30cd0f3f8b68>

Exposição de Tarsila do Amaral no Rio de Janeiro, em 1929.



Disponível em
<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pagu.Elsie.Tarsila.Anita.Eugenia.1922.jpg>

Pagu em 1929

Formatura de Pagu na Escola Normal de São Paulo em 1929



Disponível em:
<https://www.novomilenio.inf.br/cultura/cult005.htm>



<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/em-cadernos-ineditos-pagu-traca-seus-passos-e-de-oswald-depois-da-revolucao-de-30.shtml>



Disponível em <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2010/08/Pagu.jpg>



Disponível em <https://deliriumnerd.com/2018/01/19/livro-pagu-vida-obra-resenha/>

Pagu presa na França, em 1934



Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/04/ficha-na-policia-cirurgias-e-militancia-nas-ruas-livro-revela-temporada-de-pagu-em-paris.ghtml>

Patrícia Galvão em 1936/DEOPS-SP - Arquivo público do Estado de São Paulo.



Disponível em <https://www.quatrocincom.com.br/br/resenhas/biografia/escrever-e-sangrar>

Geraldo Ferraz e Pagu quando falavam ao repórter do jornal Diário da Noite, 24/1/1945



Disponível em <https://www.novomilenio.inf.br/cultura/cult005k1.htm>

Pagu em 1950



Disponível em <https://medium.com/cinesuffragette/pagu-o-mito-a-mulher-o-sonho-30cd0f3f8b68>

ANEXO B - Sites de entrevistas e matérias sobre a Pagu

<https://www.novomilenio.inf.br/cultura/cult005e.htm>

<https://deliriumnerd.com/2017/11/27/pagu-historias-em-quadrinhos/>

<http://www.pagu.com.br/imagens-de-pagu/>

<http://www.pagu.com.br/agenda/para-nao-esquecer-pagu/>

<https://deliriumnerd.com/2018/01/19/livro-pagu-vida-obra-resenha/>

<https://www.novomilenio.inf.br/cultura/cult005c.htm>

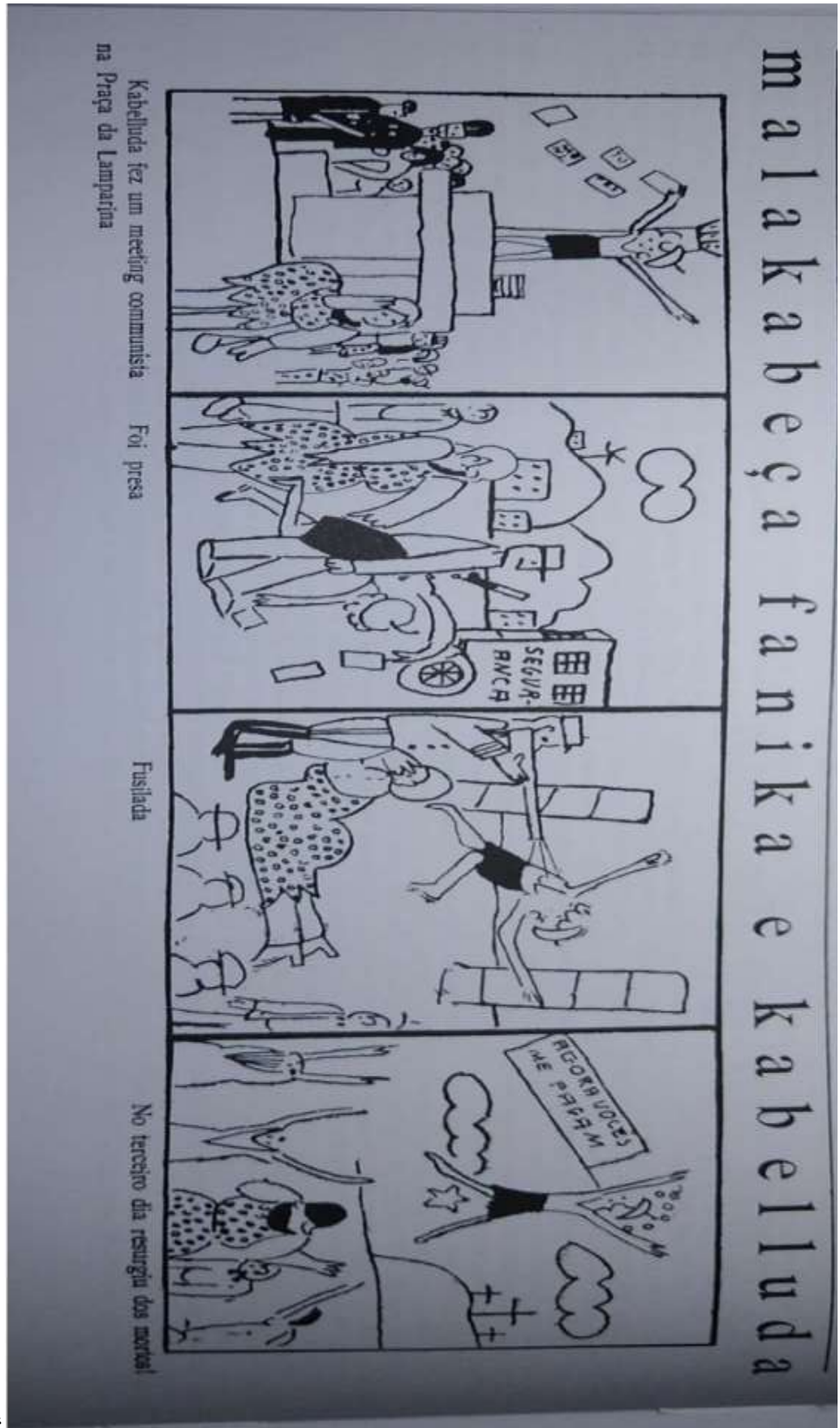
ANEXO C - Vídeos

<https://www.youtube.com/watch?v=TpYtAw0BQk4>

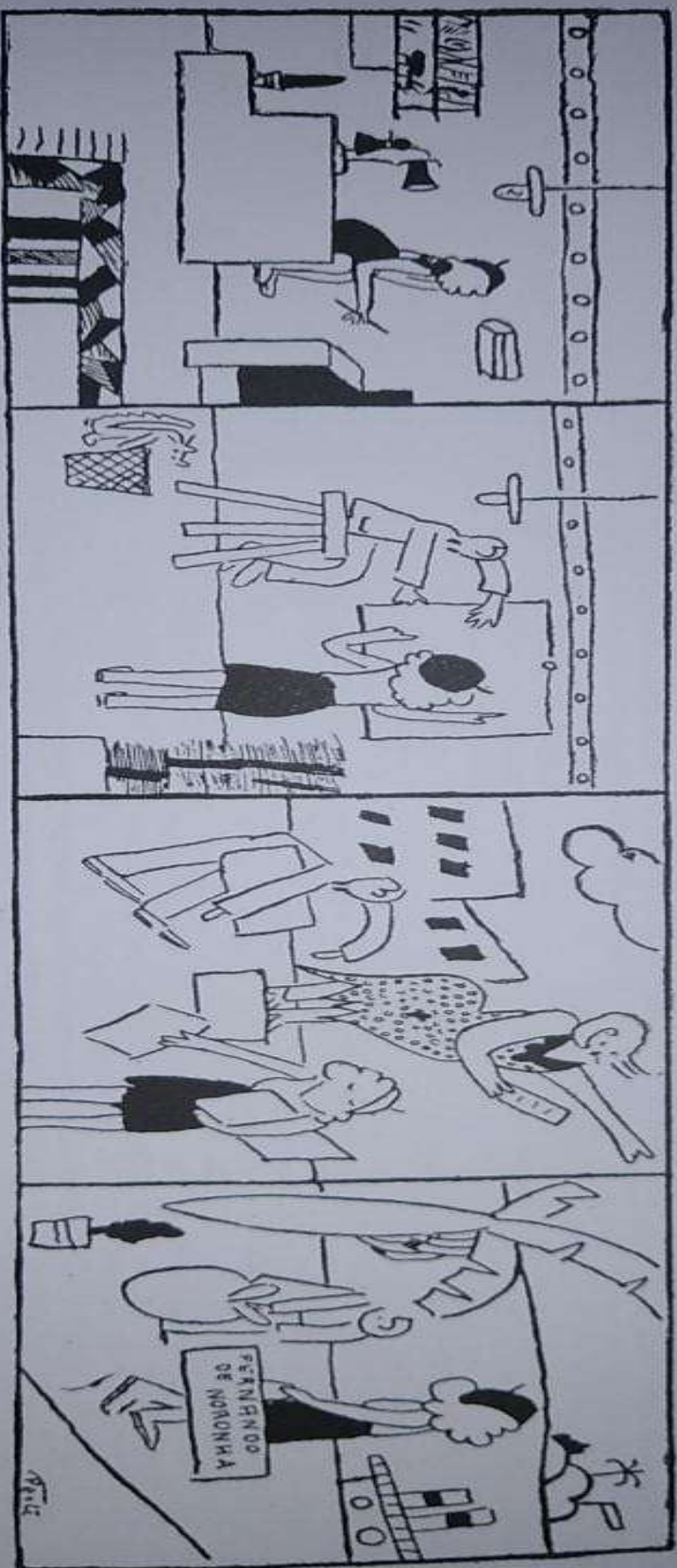
<https://www.youtube.com/watch?v=40VMUJV5nSY>

<https://www.youtube.com/watch?v=pSr1kzvbkM>

ANEXO D – Os quadrinhos de Pagu nas edições do jornal O homem do Povo



malakabeça fanika e kabeliuda

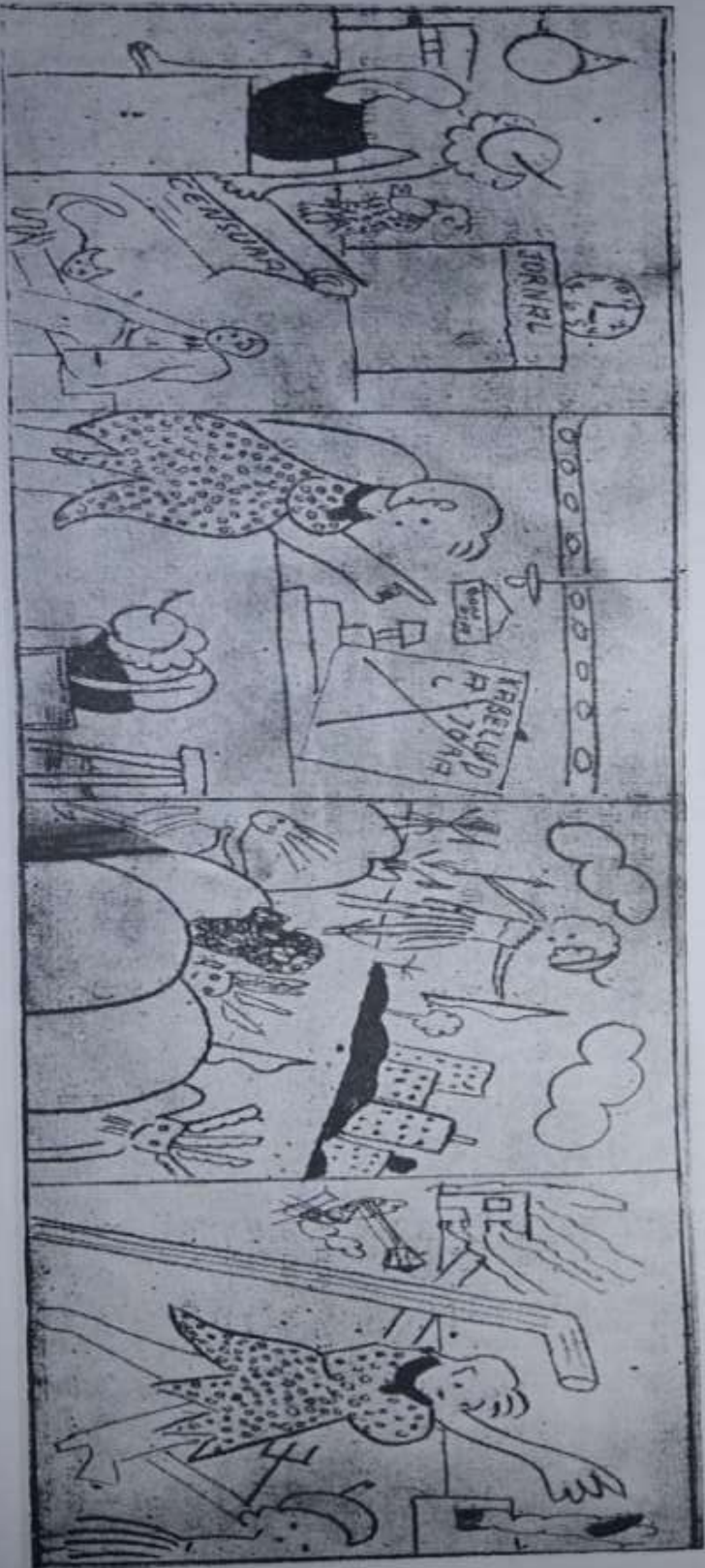


— Kabeliuda resolveu fundar um jornal: iniciou Malakabeça a organizar uma grande empresa.

— O jornal fez enorme sucesso.

— O jornal fechou.

malakabeça fanika e kabelluda



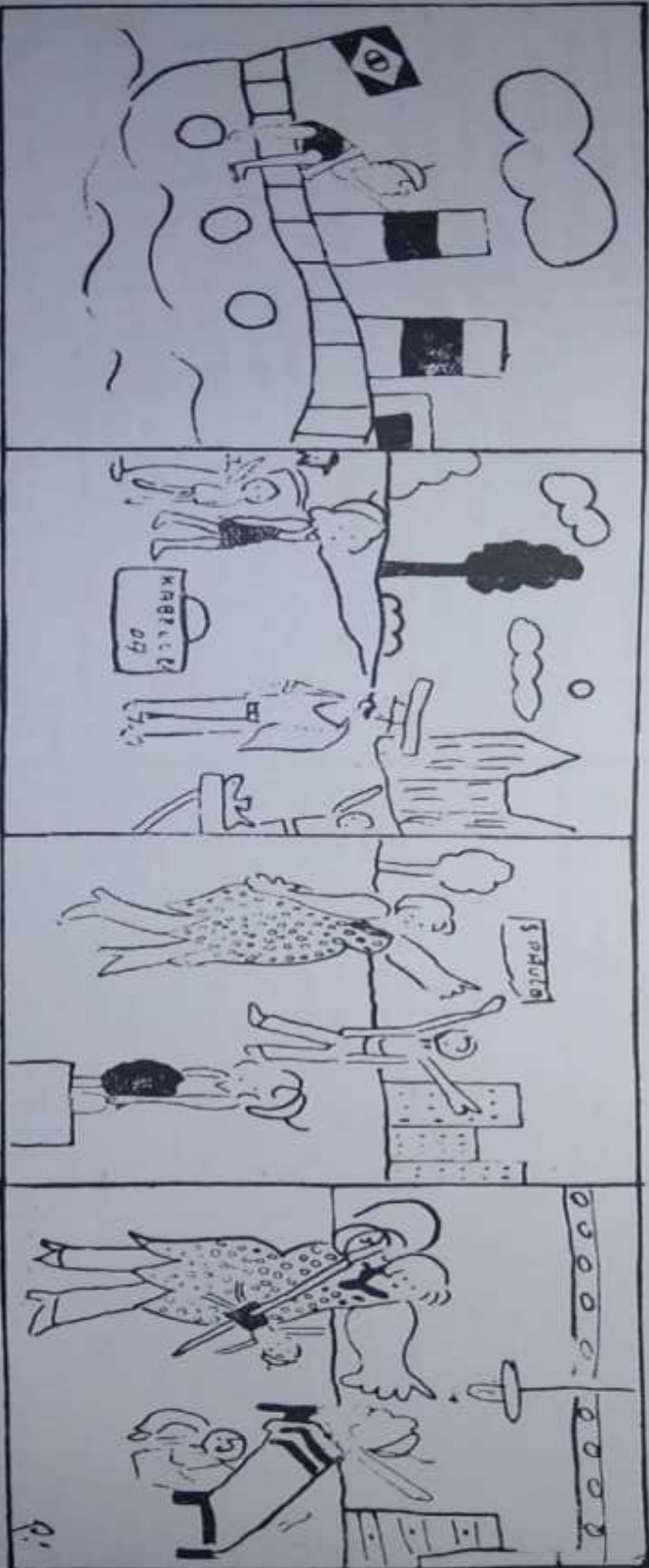
— Kabelluda quiz fazer um jornal
livre —

Fanika proibiu os de praposos

Kabelluda buscou os jatis exilados

— E mataram os judas.

malakabeça fanika e kabeludada



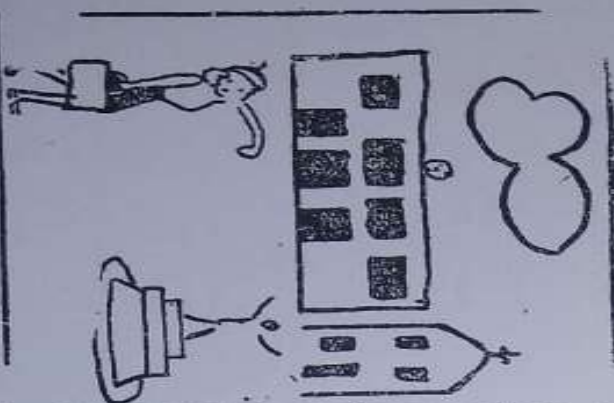
— Kabeludada fugiu pra Portugal.

— Os portugueses sentiram o cheirinho e deram em cima.

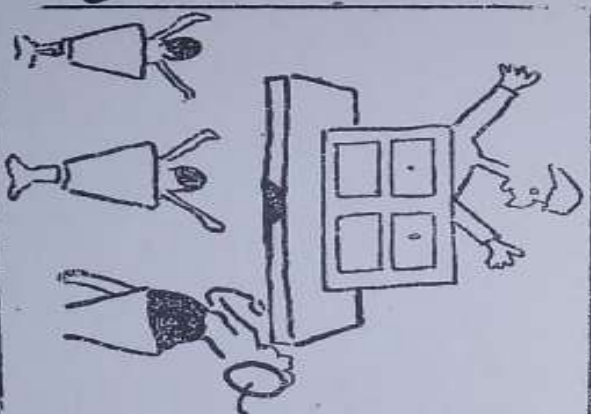
— Kabeludada voltou com Kabeludinha para o gozo de Malakabeça.

— Fanika moralista estragou porque Kabeludada era solteira.

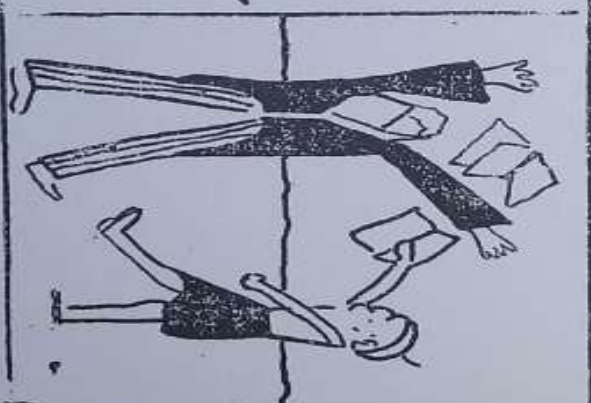
malakabeça fanika e kbelluda



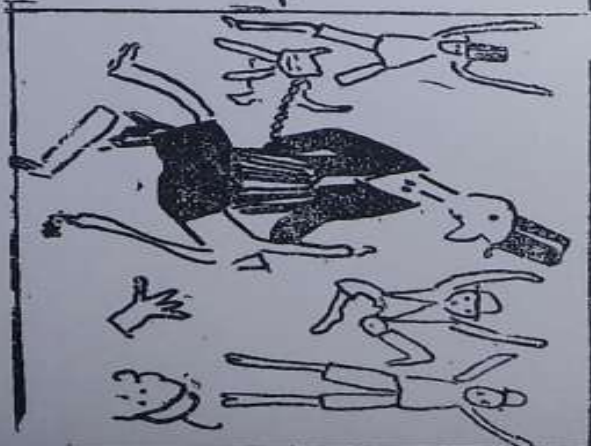
Kbelluda vae à faculdade



Acha o professor pau

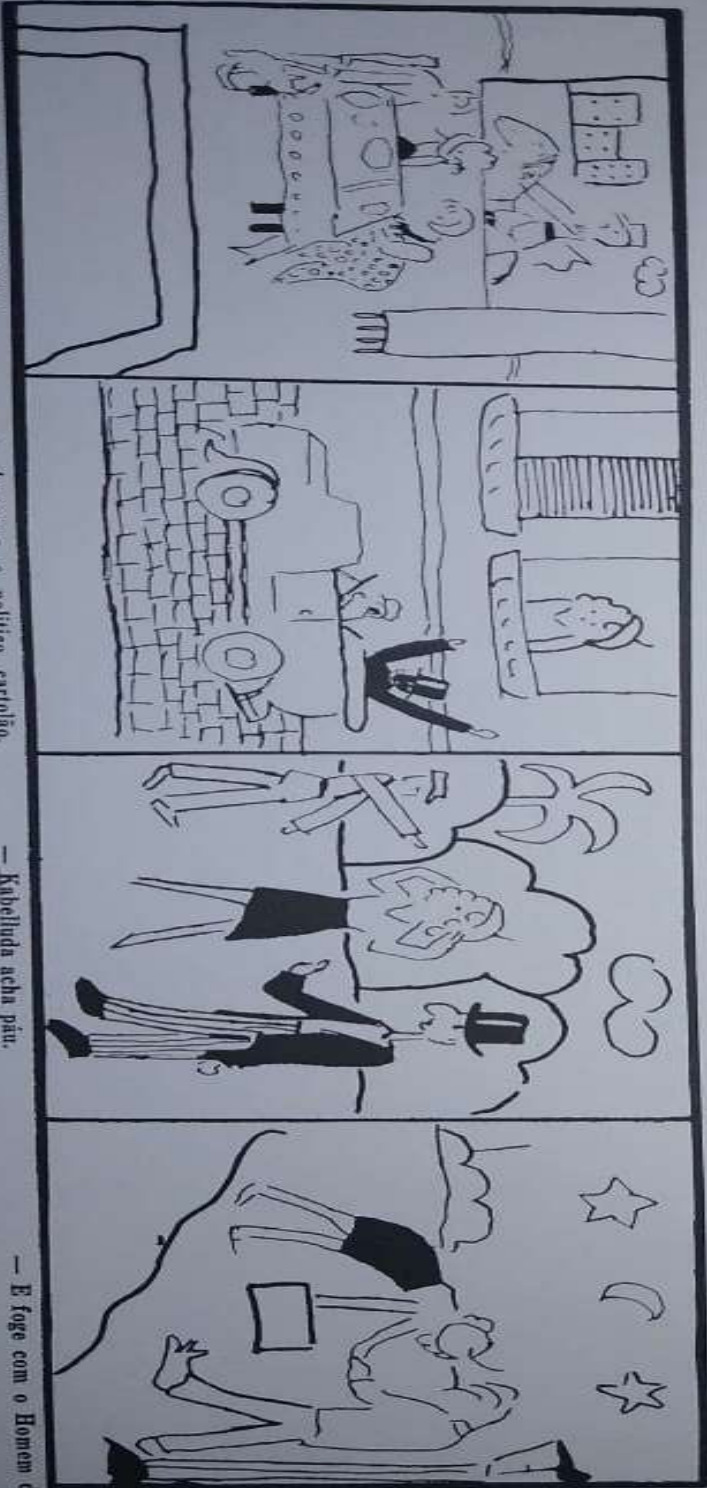


Xinga de réo



E' lynchada pelos ruys

malakabeça fanika e kbelluda



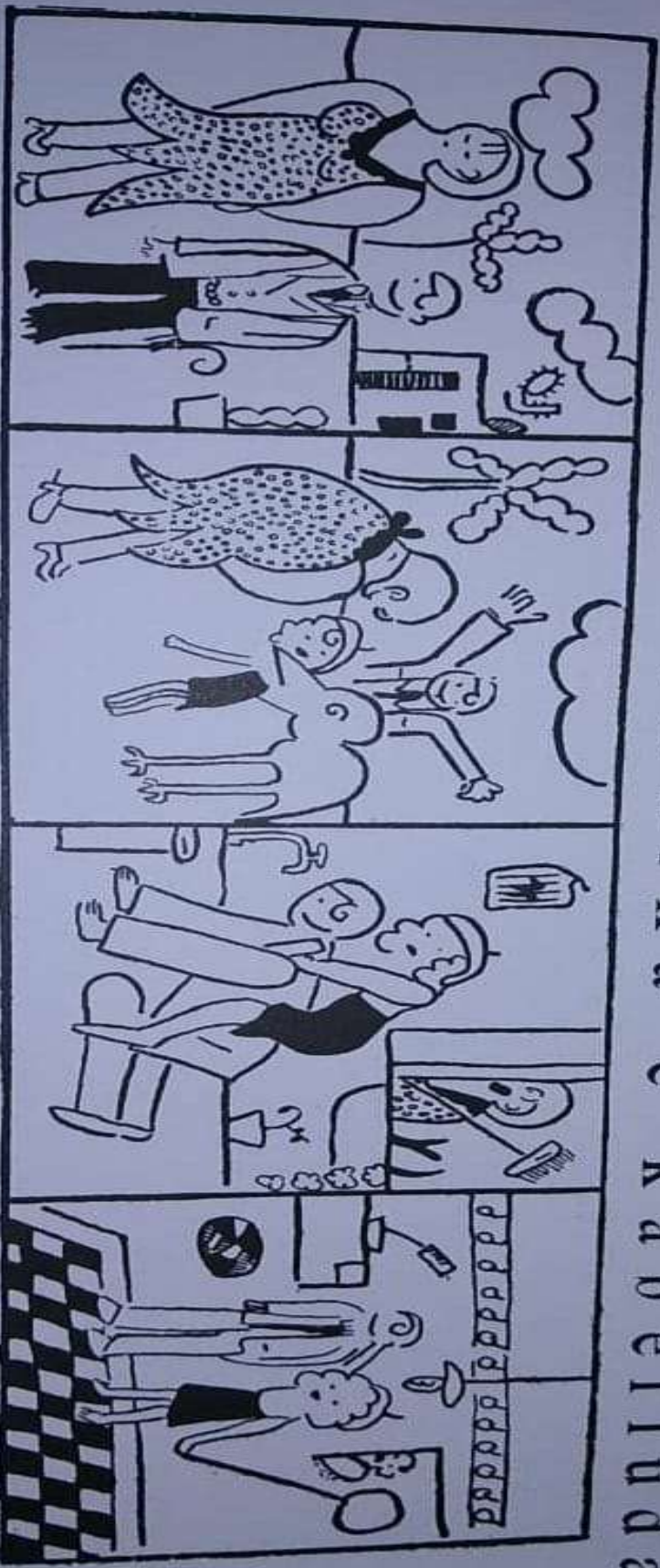
— Kbelluda namora o sargento.

— Aparece o político cartolão,
fontonando.

— Kbelluda acha pau.

— E foge com o Homem do Povo.

malakabeça fanika e kabeluda



Malakabeça e Fanika eram um casal sem filhos.

A cegonha lhes trouxe uma sobrinha pobre — Kabeluda

Foi o pomo de discórdia

3 e o consolo de Malakabeça